MAE MURRAY

Para todos...

ANNO IV
Nº 193

RHEUMATISMO
SYPHILIS

LA ORACION

TANGO — AUGUSTO P. BERTO

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

PIANO

D C 1a. Parte
y TRIO
TRIO
1a
2a
D. C.

Graphologia

QUINTINO (Padua) — Não se lhe póde, em vista da graphia incerta, determinar bem o caracter. Ha, todavia, indicios de alguma seriedade, muito embora sobrepujem essa pouca sisudez. O espirito é arrebatado, injusto e tende muito para a maledicencia. O coração pouco bondoso e muito menos sincero.

CARACIOLO (S. Paulo) — Grande apreciador de conquistas amorosas. Por via disso, é natural o desassocego de espirito... Não tem grandes escrupulos e julga os outros pelos seus... O seu cynismo não vae, porém, até o ponto de affrontar os fortes: mette-se de permeio o antonymo da coragem... Ainda assim não perde occasião de tirar a sardinha com a mão do gato... Intellectualmente é um pusilanime e a respeito de bondade cordial, nunca a viu mais gorda...

CLARA DE BEAULIEU (S. Carlos) — Typo modelar da boa dona de casa: circumspecta, activa, economica. O seu espirito é muito recto e vigilante. Só isso vale ouro. Mas tem ainda uma vontade firme, guiada por uma intelligencia esclarecida, e possue no coração um thesouro de bondade, sem ser todavia um sentimentalista.

CELIKA (Rio) — Não podemos ir além destes ligeiros traços: Intelligencia vivaz subordinada a um espirito methodico. Idéas claras e acções promptas, sem alarde nem impaciencias. Coração de ouro.

BÉBÉ DANIELS (Campos) — Temperamento insinuante, amavel, um tanto "derretido" em materia de amor. E' o principal da sua graphia. Os signaes da vontade são apagados, e futeis os do espirito... Comtudo, tem algum idealismo aproveitavel, qual, por exemplo, o de instituir um lar domestico replecto de conforto. Assim o diz o traço da ambição e o da mediocridade feliz do seu espirito.

HERNANDEZ (Rio) — Teimosia nos desejos, idéas negocistas e ambição de dinheiro — eis o traço mais evidente da sua personalidade. São perfeitamente secundarios os do intellecto, que, aliás não é obscuro. O espirito é superficial: só vibra em casos de interesse immediato. Comtudo, possue um grande coração, capaz de o absolver de quaesquer faltas.

ZENOBIO (Pedra do Sino) — Parece impossivel que ainda se lembre de pedir estudo graphologico... Isso prova deveras uma coragem inaudita, muito vizinha do cumulo do cynismo...

DIAVOLINA (Entre Rios) — Natureza energica, de apparencia amavel e ás vezes scintillante. Sua vontade é poderosa, se bem que prejudicada por ambicionar de mais. E' faceira, é perspicaz e tem pouca sinceridade. Mal esconde o seu egoismo sob apparencias de bondade cordial. Todavia, faz o bem que póde, principalmente se alguem pode ver ou dar fé. Tem o prurido do reclamo e a tendencia para a fantasia.

HENNY FORD (Rio) — Petulancia não lhe falta; e é nella que se fia para supprir a falta de outras qualidades de espirito. A intelligencia não é culta, mas percebe e assimila com rapidez. Tem repentes colericos, quando não é bem succedida. Gosta immensamente de galantear o sexo opposto e nesse caminho commette imprudencias e desatinos. E' grande apreciadora de gulodices, como se fosse uma verdadeira creança. Usa de alguma bondade cordial.

UBYRETTA (Rio) — Logo se percebe na sua graphia um espirito recto e claro, um tanto eivado de orgulho. Resalta inconfundivel o grande armor á conveniencia, cultivado por uma bossa commercial caracteristica, procurando tirar proveito de tudo. Não quer isso dizer que seja commerciante, mas tão sómente que tem a bossa dos negocios. Firmeza e obstinação nos desejos, comquanto apparentemente mostre uma certa fraqueza de vontade. E' apenas delicadeza no fazel-a valer. Tem muito amor proprio, muita perspicacia, muita bondade cordial. E é, no fim de contas, um individuo que se distingue por um senso esthetico muito natural.

SUMURUM (Rio) — Natureza robusta, mormente em instinctos sensuaes. Espirito um tanto arrebatado e ás vezes brusco. Tenacidade no querer, embora sem grandes ambições. Tendencia para a colera, quando não consegue o que deseja. Finura, manha e um certo desamor á verdade. Mas, incontestavelmente, muita bondade de coração.

HERLOCK (Sabará) — Grande amigo da pandega, apezar do meio em que vive e que detesta cordialmente. Independencia de espirito ostensiva. Não se ensaia para fazer criticas acerbas, nem sempre justas. Grande amor ao dinheiro.

AGENOR ALEGRIA (Rio) — Espirito paciente, methodico, sem que isso lhe prejudique a vibratilidade. Tem a preoccupação de fazer "bonitos", principalmente perante pessoas estranhas. Suas idéas são concatenadas, sem originalidade e, como que obedecendo a uma disciplina ferrea. Tem firmeza de vontade, mas não tem iniciativas proprias. O seu orgulho e o seu amor á pecunia é um facto. Tambem mostra indicios de colera, apezar de querer parecer um condescendente. O coração é avesso á philantropia.

DULCE DE ALMEIDA (Franca) — Sua letra diz que é um espirito caprichoso, quasi sempre em antagonismo com o meio em que está. Diz tambem que é um tanto vaidosa e que não tem um coração bondoso, pelo menos dessa bondade que aproveita aos infortunados. Diz ainda que é expansiva, mas tão sómente com os intimos, pois é bastante desconfiada. Diz finalmente que é extremamente sensivel e que, tendo uma vontade precaria, impressiona-se muito com influencias externas. Mas no fundo do seu temperamento ha indicios de grandes modificações de genio e de caracter. Evidentemente serão para melhor, mormente no que toca ao espirito e ao coração.

ADALTIVA (Bello Horizonte) — Natureza caprichosa, um tanto expansiva, mas de espirito frio. Não ha, pois, sinceridade nas expansões. Poderá haver calculo... Mas, ao mesmo tempo, evidencia-se um grande idealismo nos seus pensamentos — o que põe por terra a conclusão positiva precedente. Predomina, portanto, a incerteza a variedade de caracteristicos, de accordo com o do capricho apontado em primeiro logar. E é essa a impressão definitiva causada pela sua carta.

J. NETO (São Paulo) — Dir-se-ia um grande materialista, se não fosse o indicio claro de um temperamento sonhador. Mas ha ao mesmo tempo a expressão de fortes instinctos sensuaes e de uma vontade forte, por vezes brutal e, naturalmente, relacionada com a satisfação de taes instinctos. Não obstante, é notavel a sua bondade cordial levada até o mais franco altruismo.

SYNDICO (Valença) — Cabeça leve, catavento, de um espirito inquieto, oscillando entre o bem e o mal. Presumpção de qualidades que não passue, mas que sabe apparentar, embora intimamente esteja convencido da sua relativa nullidade. Muito insincero nas suas manifestações de amizade e um largo amor ao dinheiro.

A. B. C. (Aracajú) — Pouco ha a dizer sobre a sua graphia. Espirito pouco vibrante, muito recto e muito positivo. Trato affavel, mas sem arrebatamentos proprios da edade. Dentro dessa compostura é senhor de uma vontade muito firme mas muito serena, incapaz de imprudencias ou anciedades. Soffre com grandeza d'alma, sem demonstrar o soffrimento, porque reage promptamente, estabelecendo uma luta em que vence o seu querer. O coração é bondoso, sem sentimentalismos prejudiciaes.

LUCRECIA BORGIA (Rio) — Tem realmente alguma cousa da innocenuia que diz ter na alma; não é porém, tão "pomba-sem-fel" quanto se inculca, pois, atravez da sua delicadeza e do seu idealismo, que é grande, ha uma perspicacia muito intelligente, que se lissimula para melhor apparentar as cousas. Tem um pronunciado amor ao dinheiro e é muito voluntariosa, sem aliás, o parecer. Tem alguma expansibilidade, não tanta, porém, quanta seria de esperar da sua apparencia. E' falha de bondade cordial, predominando o egoismo.

RUMEC D'ARTOIS (São Sebastião) — Grande tino commercial, graças a uma excellente ligação de idéas e a uma bella perspicacia. Vontade ambiciosa. Espirito claro e pratico. Labia insinuante.

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas.

No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outro nos Estados Unidos.

SENHORITA FERNANDA (Rio) — Tenha a bondade de dizer ao seu mano que nos procure com urgencia.

LALINHA (Bahia) — Cremos que é engano seu. Por aqui ainda não passou. 485, Fifth Ave. N. Y. C.

BATE-BATE (Nictheroy) — 1°. Edna Wheaton. 2.° Justine Johnstone; 3.° Mabel Normand.

SENTINELLA (Rio) — Juanita Hansen, americana do norte, de Des Moines, loura, 1,60 de altura, olhos azues, cabellos louros.

ESPIRITISTA (S. Paulo) — Natural de Atlanta, Georgia, modelo de artista, entre elles Gibson, artista de comedia: seu melhor film? "Miquinha", em nossa opinião. Louise Hutt não abandonou o cinema; o que acontece é que tem trabalhado em films que não têm passado por nossas telas.

O'BRIEN (Santos)—Natural do Colorado, artista de theatro, solteirão; deixou faz pouco a Selznick, para a qual fez uma série de fims que não conhecemos ainda. 1,82 de altura, 80 kilos, olhos azues, cabellos louros.

SANTINHA (Rio — Casada com Buster Keaton, comediante, que trabalha para o First National. Trabalhou com Chico Boia por algum tempo. As Buster Keaton Comedies passarão entre nós por intermedio da Paramount. Tem 1,62 de altura. Norma com Joseph Achenck; Constance, divorciada.

SABETUDO (Campinas) — Associated Producers. No Rialto. 2°, Realart. No Parisiense.

CARIATIDE (S. Paulo) — Com a Universal. E' canadense. Olhos azues, Cabellos pretos. Ben Turpin.

LINETA (Guaratinguetá) — Nasceu na Irlanda e educada em Nova York. Artista de theatro. Loura, de olhos castanhos. Casada. Com a Fox. Assim, assim.

BEBE' DANIELA (Rio) — Continu'a a trabalhar para a Paramount. Solteira. Parece tratar-se de um "potin" desses que aos centos apparecem na Filmlandia. Shirley Mason é irmã de Viola Dana. 21 annos, olhos e cabellos castanhos. Molly Malone tem 25 annos, olhos e cabellos castanhos escuros.

REBECCA (Rio) — Já publicámos esse enredo ha tempos. Só se não viu aquelle numero. Helene Chadwick é uma e Eileen Sedgwick outra. Esta ultima é artista de série, figurando em films da Universal. A outra, da Goldwyn.

MY BOY (Rio) — Varios; o ultimo *Oliver Twist*. Pode ser, é provavel. Com o First National.

MISS REBELLION (Rio) — Edith Roberts fez um film para a Famous Players ultimamente. Tem 1,52 de altura, olhos castanhos e cabellos louros.

O'LILI (Santos) — Walter Hier, tem 1,76 de altura e pesa 110 kilos. E' um gorducho muito alegre e brincalhão, que está hoje effectivo no elenco da Paramount. Priscilla Dean é de New York, morena, de cabellos pretos e olhos castanhos escuros.

O BELISCO DA AVENIDA (Rio)— Monte Blue é natural de Indianopolis, tem 1,86 de altura e pesa 82 kilos, olhos e cabellos castanhos. 2°. June Elvidge, nasceu a 30 de Junho de 1893 em S. Paulo, Minn. Cantora de café concerto. Olhos e cabellos castanhos. 3°. Conway Tearle tem 42 annos, olhos e cabellos pretos, 1,80 de altura. Figurou em *Stelle Maris* de facto.

ELVIRINHA (Rio) — Mahlon Hamilton e americano de Baltimore, artista de theatro e de cinema, louros, de olhos azues, 1,82 de altura, 79 kilos de peso. Com varias estrellas. Katherine Calvert com a Vitagraph. Frank Keenan no palco.

MISS SPEEN (Porto Alegre) — Martha Wansfield tem 23 annos, nasceu em Wansfield, Ohio, tem 1,62 de altura, pesa 58 kilos, olhos castanhos, cabellos louros.

BE'BE'ZINHA (Pelotas) — Não sabemos ainda ao certo, mas pode bem ser este anno ainda. Gloria Swanson é divorciada de fresco de H. Sansborn. Tem uma filha.

ELENA CUND (Capivary) — Não sabemos.

✣ ✣ ✣

UMA SCHEHEREZADE MODERNA

ALGUMAS IDÉAS DE MAE MURRAY POR HARRY KENDALL

Essa manhã, o enorme departamento em que trabalhava a companhia de Mae Murray, nos studios da Lasky, fez recordar-me a somnolenta Bagdad e voltarem-me á memoria aquelles deliciosos contos arabes lidos na minha meninice. Os kalifas com seus trajes pittorescos de oiro e pedrarias, as sultanas com sua majestosa belleza oriental, os perfumes e, até, o ambiente embriagador, desfilaram deante de meus olhos em fantastica caravana de saudade. Olhei todo esse scenario de exquisita arte e perguntei-me ancioso:

— E Scheherezade?

Em verdade só ella faltava ali para que a illusão fosse completa! A meu lado, Georges Fitzmaurice, o então director de Mae Murray, falava com os electricistas a dar ordens sobre certos effeitos de luz lunar nos scenarios, e a pessoa que me havia guiado até ali por entre o mar magno de arames, lampadas, bastidores e toda aquella variedade de coisas, dizia-me:

— Terá muita sorte se encontrar Miss Mae Murray trabalhando... E' que, em geral, as actrizes que estiveram nas Folies por nada deste mundo se apresentam a trabalhar antes do meio dia.

Consultei o relogio e vi que eram apenas onze horas...

— Máo negocio, se tenho que esperar! — disse commigo, e entabolei, a seguir, conversa com Fitzmaurice, de quem soube alguns dados sobre o film que então se fazia, mas cujos titulos, por discreção, não posso revelar...

De repente, appareceu, com um reflexo de oiro em toda a sua pessoa, Scheherezade, a moderna Scheherezade, personificada em Mae Murray, a mais adoravel actriz da téla. Como poderei eu descrever esse exotico traje de téla doirada, que lhe envolvia [illegible]osamente o corpo, velando apenas suas formas esculpturaes? Como poderei eu descrever o effeito maravilhoso que produziu aquelle estranho toucado de plumas, sobre a sua cabecinha loira de princeza de sonho? E os sapatinhos, que fariam inveja á gata borralheira pelo tamanho? E as reluzentes joias que lhe brilhavam nas mãos e pulsos, de exquisito modelado? Posso lá descrever uma coisa dessas! Se o tentasse, seriam pauperrimas minhas palavras, inexpressivas, opacas, deante da realidade que meus olhos tiveram a dita de contemplar! Nós, os jornalistas, afinal, temos ás vezes certas compensações dos máos bocados que passamos! Que diabo! Nem sempre de espinhos é a vida...

Mae Murray havia ficado immovel, mirando-me com seus grandes e expressivos olhos, como se eu fosse coisa rara... Depois, essa filha do rei Midas, feita estatua de oiro, franziu os labios de coral e falou-me. Nesse momento a cabelleira loira caia-lhe ondulosa sobre os hombros nús, a accentuar, mais ainda, o reflexo doirado de que já falei. Feiticeira creatura!

— Disseram-me que me estava esperando, Sr. Kendall, e apressei-me em vir...

A estatua animou-se como por encanto e avançou para mim... Creio que recuei deslumbrado; mas, quando vi sua mão estendida, apertei-a cordealmente e o feitiço se desfez ao contacto da realidade.

— Effectivamente, Miss Murray... Desejava entrevistal-a! exclamei.

Ella deixou-se cahir graciosamente numa poltrona carmezin e indicou-me uma cadeira a seu lado. Obedeci e dispuz-me a cumprir minha missão, começando o interrogatorio.

— Está satisfeita com os seus novos papeis?

— Encantada! Afianço-lhe que sou a creatura mais feliz do mundo! Até que emfim, não me verei mais obrigada a

Os films da semana

Bons films os da programmação desta semana nos cinemas da Avenida. De variadissimas procedencias, em sua generalidade, mereceram todos os preços por que foram pagos. E, sinceramente, não podemos apontar qual o melhor. Até mesmo "O Condemnado", film portuguez, de uma fabrica nova que, nos parece, pela primeira vez concorre á nossa praça, interessou e recebeu applausos. Não que elle seja o melhor trabalho cinematographico portuguez. Acima delle estão as producções da Invicta e muito principalmente "Os fidalgos da casa Mourisca", cujas qualidades apontámos quando da sua passagem no Palais.

"O Condemnado", em sua relativamente grande metragem, abandona o assumpto que não é dos mais captivantes para a cinematographia moderna, e entrega-nos felizmente á seducção das lindas paizagens e ao encanto dos costumes portuguezes. Assim o film passa em revista coisas portuguezas. Não é portanto um trabalho que se compare aos da Invicta, que conhecemos, e muito principalmente, aquelle que apontamos.

Mas, como já disemos, os films da semana agradaram: o film francez da Pathé Consortium "O menino do Carnaval", cujo romance é bem dirigido atravéz dos planos escolhidos. "D. Ramiro", da Vita, de Vienna, dramatico, empolgante, com uma "mise-en-scéne" curiosa como geralmente nos apresentam os films de Vienna.

"Ao ardor do chicote", da Paramount, no Avenida, forte, com algumas scenas de grande relevo admiravelmente marcadas por Gloria Swanson, que vive uma paixão dolorosa e atormentada.

"Amor arabe", da Fox, "rodolphovalentinada" producção que, embora não valha como superproducção, e já alguma coisa melhor tenha sido vista no mesmo genero, agrada pelos seus interpretes, que defendem brilhantemente o romance.

"A taça magica", simples, ligeiro, de uma delicadeza expressiva, a que Constance Binney dá todo o encanto.

E finalmente, como inferioridade, unica na semana, ainda Francesca Bertini, estafante, ridicula em "Esphinge".

OPERADOR N.° 3.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 14 A 20 DE AGOSTO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
Pioneer	Odeon	Indiscreção (Indescretion)	Florence Reed	1921	... 6 ...
Paramount	Avenida	Ao ardor do chicote (Under the lash)	Gloria Swanson, Mahlon Hamilton	1921	... 7 ...
Fox	Pathé	Para a patrulha (Fighting for Gold)	Tom Mix	1919	... 4 ...
Fox	Pathé	Amor arabe (Arabian Love)	Barbara Bedford, Barbara La Mar, John Gilbert	1922	... 6 ...
Bertini-Film	Central	Esphinge	Francesca Bertini	1920	... 4 ...
Ass. Produc.	Rialto	Mais forte que o amor (Greater Than Love)	Louise Glaum	1921	... 5 ...
Vita	Palais	D. Ramiro	Carmen Cartellieri e Max Neufeld	1921	... 6 ...
Pathé Consortium	Odeon	O menino do Carnaval (L'enfant du Carnaval)	Mlle. Lissenko, Mosjoukine	1921	... 6 ...
Realart	Parisiense	A taça magica (The Magic Cup)	Constance Binney	1921	... 6 ...
Luza-Film	Parisiense	O condemnado	Virginia, Anna Pereira, Joaquim Costa, Alma Negreiros, Maria Sampaio, Chico Redondo	1921	... 6 ...

(*) Não consta do programma.

fazer as ingenuas, que tanto me aborreciam... Gosto mais de papeis emocionantes, em que me matam, em que eu grito, me desespero, etc. A emoção é o verdadeiro "texto" da actriz. Sem isso, não valemos nada.

— Em que film fez primeiramente essa qualidade de papeis ?

— Na "Dansarina Incognita" —parece que agradei, e meus directores resolveram dar-me outros do mesmo genero. Estou contentissima. Imagine : uns poucos de annos a fazer de ingenua !

— Mas, ingenua encantadora! atalhei.

— Ah ! Tambem o senhor ! ? Tudo isso porque sou loira, não é verdade? Não diga que não ! Eu sei que se metteu em cabeça aos emprezarios e directores que todas as loiras hão de fazer ingenuas... Estava contra mim a sorte, quando decretou que eu fosse loira.

Fez uma pausa.

— Em todo caso — continuou — se não tivesse o cabello dessa côr, não teria sido admittida nas Folies; se eu não tivesse estado nas Folies não estaria agora nos films; se não fosse por causa dos films não teria conhecido Robert Leonard e não conhecesse Leonard teria ignorado ainda agora o que é ter o melhor marido do mundo.

Sorriu... Eu, francamente, estava encabulado... A minha Scheherezade modernisava-se a olhos vistos...

— No fim de tudo não me posso queixar de ser loira, não é verdade ? indagou ella triumphalmente, olhando-me bem, de olhos meio cerrados.

Ah ! Eu queria ver o leitor no meu logar, para saber o que é estar encabulado ! Arrisquei esta pergunta :

— Quando viu Leonard pela primeira vez ?

— Quando se filmava "A rapariga do arado"... Foi um caso de amor... á primeira vista e nenhum dos dois se arrependeu até hoje... Curioso, não acha ? Entendemo-nos perfeitamente, apezar disso a que os sabichões chamam "incompatibilidade de genios".

— Tem saudades das Folies ?

— Nem tudo ali é côr de champagne, como muita gente julga. Minha companheira de camarim era Ann Pennington, uma excellente camarada, a quem eu estou certa de dever alguma graça que tenho nos bailados.

— Insiste em ser actriz dramatica, não é ?

— Decerto... Quero fazer fortes, intensos dramas... Quero ser uma dessas sacerdotizas da paixão, que soffrem, lutam, amam e se sacrificam... Quero, a tragedia primeiro e a felicidade depois... Não acredita que eu possa fazer tudo isso ?

Interrogou-me com os seus grandes olhos brilhantes. Só havia uma resposta a dar... A de um homem susceptivel como eu a uma mulher formosa como ella...

Ah ! Se as houris fossem assim, creio qeu eu era capaz de me converter ao mahometismo, só para poder habitar, algum dia, o magico jardim onde ellas dansam á luz da lua !

CASA COLOMBO

Grandes Armazens

Artigos da Moda: Visitem as novas exposições da CASA COLOMBO

Secção de Fazendas e Armarinho

Novidades recebidas de Paris

Sedas diversas, Cintos, Pulseiras,

Collares, Bolsas, Fitas, Meias

TUDO MODERNO!

CASA COLOMBO

PARA BEM VESTIR

Aquella que é feia, tendo podido evitar a fealdade, commetteu um feio peccado. A belleza deve conservar-se muito além da primeira juventude...

Quando a viva luz dos toucadores revelar que as rugas apparecem ao redor dos olhos, e que o sorriso tambem produz rugas nos cantos da bocca. POLLAH deve ser usado sem demora.

A palavra Envelhecer é para as senhoras a mais triste do diccionario.

Grande numero de moças, observando a formosura de certos rostos femininos, vindos do estrangeiro, communmente denominados "Bellezas Profissionaes" e, devido ás insinuações de certos institutos europeus, chegou a convencer-se de ser possivel ESMALTAR o rosto — o que é absolutamente um absurdo e nunca foi executado. — O segredo de certas formosuras é devido a um tratamento racional e scientifico, onde predomina a ausencia de gorduras e é attendida a parte curativa, afim de eliminar as manchas, espinhas, cravos, vermelhidões, pannos — asperezas, emfim, todas as imperfeições da cutis.— O rosto para ser bonito deve ter a cutis lisa — parelha — bem unida — côres bem definidas — branca — leitosa, morena, matte — conforme a pessôa — ausencia completa de asperezas, espinhas, cravos, vermelhidões — inchações, grãos, etc.

O producto que indicamos para esse fim — O CRÊME POLLAH — da American Beauty Academy (Academia Americana de Belleza), representa verdadeiramente o ideal para o rosto e para a belleza. — Sem gordura, produz rapidameqte [sic] a transformação da pelle, modifica, cura, elimina as manchas, cravos, espinhas, etc.. alimenta a pelle.

O CRÊME POLLAH, unico até hoje, consegue em pouco tempo fazer que a cutis apresente o aspecto ideal do esmalte em porcellana.

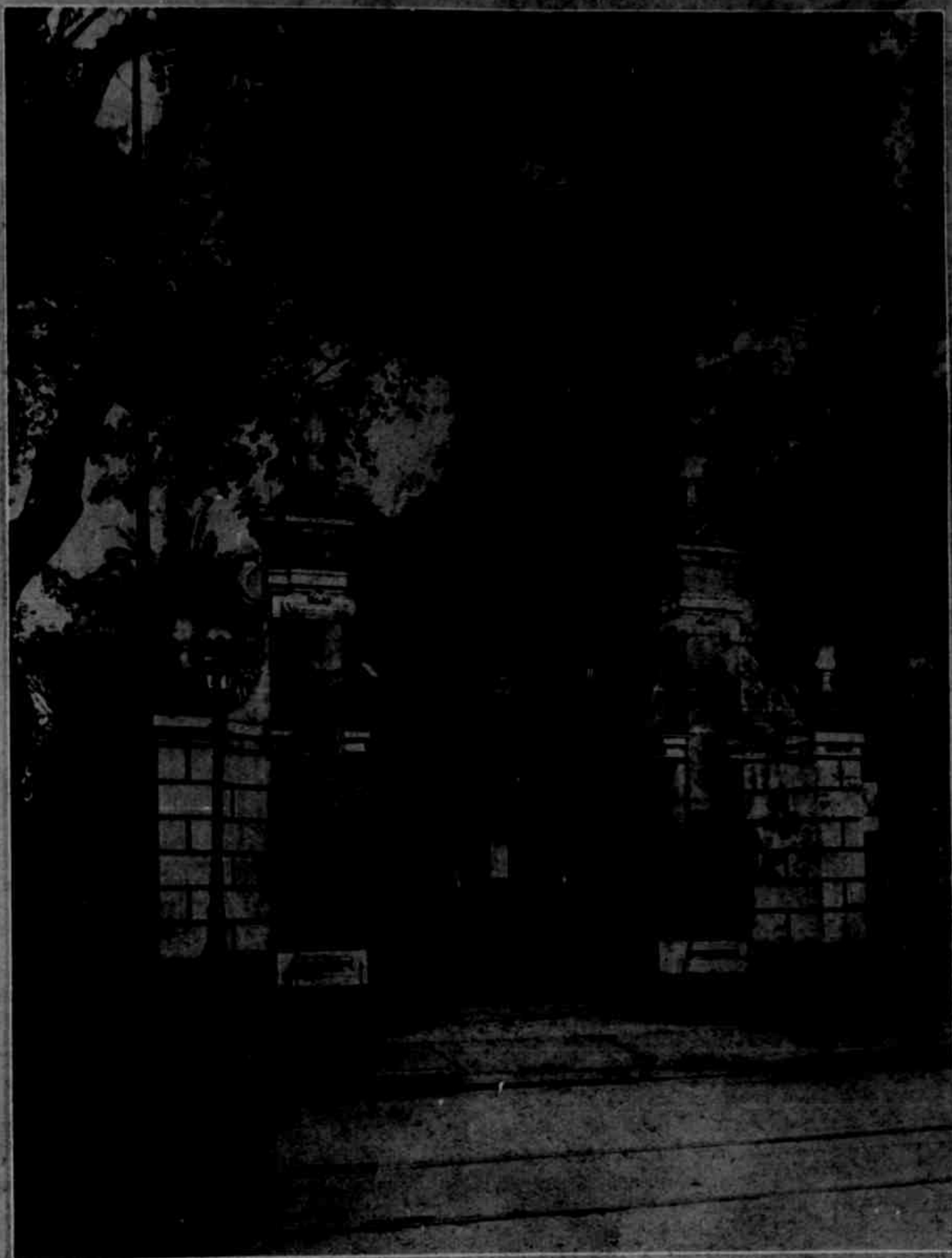
O CRÊME POLLAH encontra-se nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o "coupon" abaixo aos Representantes da "American Beauty Academy". —Rua 1° de Março, 151, Sob.

(*PARA TODOS...*) — Córte este *coupon* e remetta aos Srs. Representantes da "American Beauty Academy" — Rua 1° de Março, 151, Sob. — Rio de Janeiro

NOME . . . . *RUA* . . . .

ESTADO . . . . *CIDADE* . . . .

Para todos...

ANNO IV. RIO DE JANEIRO, 26 DE AGOSTO DE 1922 NUM. 193

O PORTÃO DO PASSEIO PUBLICO, QUE TEVE ORDEM DE MUDANÇA...

AS GRADES DO PASSEIO PUBLICO FORAM RETIRADAS. OS AMOROSOS DOS VELHOS RECANTOS DA CIDADE PROTESTARAM; NÃO QUERIAM CONSENTIR QUE SE METTESSE DENTRO DA RUA AQUELLE PEDAÇO SUAVE DE PAIZAGEM. EM VÃO. AS GRADES NÃO ESTÃO MAIS LÁ. POR MEDIDA DE ECONOMIA, COMO A ENTRADA DA EXPOSIÇÃO PRECISASSE DE UMAS, AS DO ANTIGO JARDIM SERVIRAM. A ECONOMIA, SEGUNDO PESSOAS QUE SABEM, É VIRTUDE LOUVAVEL. DIZEM ATÉ QUE ELLA É A MÃE DA PROSPERIDADE. AGORA SÓ FALTA OUTRO OBELISCO PARA O COMPLETO EMBELLEZAMENTO DO LOCAL, UM OBELISCO PARENTE DOS DOIS QUE JÁ POSSUIMOS: NA AVENIDA BEIRA-MAR E NA AVENIDA ATLANTICA...

CHÁ NO CLUB DOS DIARIOS, EM BENEFICIO DO ABRIGO SANTA THEREZA DE JESUS — RECEPÇÃO DA SENHORINHA BERTHA LUTZ, NA ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ FEMININA. VÊ-SE NA PHOTOGRAPHIA, SENTADA Á ESQUERDA, AO LADO DA JOVEN ORADORA, A SENHORA DONA JULIA LOPES DE ALMEIDA — REUNIÃO NO CENTRO PAULISTA — BAILE DA COLONIA AMERICANA, NO FLUMINENSE F. CLUB.

SOBRE O THEATRO PORTUGUEZ CONTEMPORANEO

Meu caro Alvaro Moreyra. Quer você que eu lhe diga o que penso e o que sei do theatro portuguez contemporaneo, e, sobretudo, da vinda ao Brasil da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

E eu não sei desattender um pedido seu...

Faça de conta que eu sou um entendido na materia, um critico admiravel, talvez um Bataille em gestação, e se as minhas palavras, mesmo vistas por esse prisma ultra-côr de rosa, nada mais forem do que um arrazoado incolor, não se queixe de mim, que accorri ao seu chamado; queixe-se de você, que me chamou a mim...

O theatro portuguez atravessa neste momento, como toda a arte em Portugal, uma crise a que não é extranha, muito pelo contrario, a atmosphera deploravel, de anciosa insegurança, creada pela acção nefasta dos politicos que vae em doze annos nos "desgovernam". Mais do que qualquer outra, a arte dramatica necessita de uma grande estabilidade social; — ella não é nem póde ser uma abstracção espiritual, que prescinda de elementos extranhos para revelar-se e progredir. *Le Secret*, representado num theatro ás moscas, não immortalizava Bernstein...

O artista theatral, autor ou actor, vive do publico e para o publico; não ha bons artistas onde não ha bom publico, ou onde um brusco desnivelamento social, trazendo de chofre para cima camadas inferiores, inocula nas platéas preferencias que hão de tambem ser fatalmente inferiores, vergando a ellas, pela dura necessidade que elle tem de viver, a individualidade do artista.

Foi o que se deu entre nós.

Por um lado, fogem do theatro aquelles que, vivendo hontem desafogadamente, hoje têm de olhar a sério para a menor despeza extraordinaria; as revoluções, os boatos alarmantes, a inquietação, quebram o desejo de sahir de casa, á noite, vão desacostumando muita gente de ir ao theatro; — por outro lado, entraram para os *fauteuils de orchestra* muitos dos que, tendo realizado ha tão pouco a sua educação "artistica" sob as lonas das barracas de feira, hoje se afastam com desdem do meio em que viveram, nas azas do dinheiro ganho Deus sabe como, mas vêm tacitamente exigir aos palcos dos theatros peças e artistas evocadores da grossa pilheria, dos meneios requebrados, do espirito pesado, que lhes despertaram o amor pela arte de Talma, na atmosphera de peixe frito e cebolada da feira de Alcantara...

A meu vêr, portanto, as causas da decadencia do theatro portuguez estão mais no ambiente do que no proprio theatro.

Pelas companhias portuguezas de declamação que têm vindo ao Brasil não póde o publico de aqui ajuizar do que seja, para bem ou para mal, o nosso theatro! Por um erro artistico, e até, parece-me, por um erro economico que surprehende, as companhias portuguezas não levam peças portuguezas. E, quando as companhias italianas levam peças italianas e as companhias francezas levam peças francezas, e as companhias hes-

DESEMBARQUE DA EMBAIXADA ESPECIAL, QUE REPRESENTARÁ A SANTA SÉ NAS FESTAS DO CENTENARIO, CHEFIADA POR MONSENHOR FRANCESCO CHERUBINI, QUE SE VÊ, NA PHOTOGRAPHIA, ENTRE O SR. NUNCIO APOSTOLICO E O SR. ARCEBISPO COADJUTOR D. SEBASTIÃO LEME. A EMBAIXADA COMPÕE SE MAIS DE MONSENHOR FRANCESCO ROSSI, AUDITOR; MONSENHOR FRANCESCO VAGNI, 1º SECRETARIO; MONSENHOR LIBERATO TOSTI, 2º SECRETARIO, E OS GUARDAS NOBRES DA GUARDA PONTIFICAL, MARQUEZ MANFREDO FIORAVANTI E CONDE STANISLAU CATERINI.

panholas só sahem de Hespanha para representarem peças hespanholas, as nossas companhias têm dado até aqui a nota dolorosa de virem ao Brasil, o unico paiz do mundo onde fazem *tournées*, representar peças francezas, italianas, hespanholas, mal traduzidas na maioria dos casos...

Essa desnacionalisação do nosso theatro ameaçou invadir-nos até nos nossos palcos, deve dizer-se. O theatro nacional, nas mãos incompetentes de administradores varios, repudiava os originaes portuguezes porque, tendo de dar maior percentagem aos autores do que aos traductores, preferia estes...

E digo *repudiava* porque, ultimamente, a acção do illustre artista Augusto Pina, tem sido diversa.

Não se diga que exaggero! A *Zilda*, peça admiravel de Alfredo Cortez, esperou dois annos nos archivos o dia da *première*... E *Os Lobos*, empolgante drama regional, de Francisco Lage e João Corrêa de Oliveira, foi recusado, e só cinco annos depois de escripto viu a luz da ribalta, obtendo um formidavel successo.

A reacção salutar contra este estado de coisas, começou já a fazer-se.

E á frente dessa reacção encontra-se uma companhia dramatica: Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Os laços de parentesco e de fraternal ternura que me unem á mulher, não me cegam, meu caro Alvaro Moreyra, a respeito da actriz.

Amelia Rey Colaço, filha de Alexandre Rey Colaço, discipula de declamação do grande Augusto Rosa, entrou para o theatro por uma vocação imperiosa, que desde criança se manifestára. Arrostou, para o fazer, com todos os melindres da esphera social a que pertencia *e pertence*, contrariou os conselhos do seu proprio mestre, receoso de que á atmosphera dos bastidores se não habituasse quem de tão diversos horizontes para ella queria ir. Segura de si, Amelia Rey Colaço entrou para o theatro. E desde o seu primeiro passo na *Marianela*, que foi

SENHORA RENATO DE SOUZA LOPES

um retumbante triumpho, tem-se affirmado progressivamente, sendo hoje considerada, por grande parte da critica e do publico, apezar dos seus vinte e poucos annos, como a primeira actriz portugueza.

Casada com Robles Monteiro, um probo e estudioso actor, discipulo dilecto de Augusto Rosa, está hoje á testa de uma companhia theatral, que é uma das mais queridas do publico portuguez. Tudo, na acção artistica dessa companhia, é escrupulosamente cuidado; desde a minucia intelligente dos scenarios, até a homogeneidade da interpretação. E, o que acima de tudo a impõe á admiração do publico e da *elite* intellectual, é a cruzada em pról da nacionalização do nosso theatro. Foi Amelia Rey Colaço quem creou a *Zilda*, em que atraz lhe falei; foi ella, com Robles Monteiro, quem creou *Os Lobos*; pertencem hoje ao seu repertorio *Entre giestas* e *Ninho d'Aguias*, as duas peças consagradas de Carlos Selvagem; *A Ribeirinha*, interessante peça historica de Francisco Lage e João Corrêa de Oliveira, peças de Hyppolito Raposo, Vera de Lima, Augusto de Castro e outros. Será, pois, com originaes portuguezes que virá ao Brasil a companhia de Amelia Rey Colaço. Independentemente dos que lhe aponto, todos novos, quantos originaes haverá que não merecem o esquecimento a que os votaram as companhias portuguezas vindas ao Brasil? Por que é que Marcelliro de Mesquita, Garrett, Julio Dantas, Eduardo Schwalbach, não são representados?

Eu não sei se você concorda commigo. Eu... concordo. E quando — não sei ainda quando... — você vêr num palco do Rio a figura tão parisiense pela elegancia, e tão portugueza pela emoção de Amelia Rey Colaço, em scenarios de artistas portuguezes, acompanhada de figuras como Palmyra Bastos, Esther Leão, Ophelia Brochado, Constança Navarro, talvez Angela Pinto — quando vêr, ao lado de Robles Monteiro, Henrique de Albuquerque e Raul de Carvalho; — quando os vir a todos

viver scenas portuguezas, quer no bucolismo amoroso de *Entre giestas*, ou tragicamente symbolico de *Os Lobos*, quer no ambiente requintado e perverso da *Zilda*; — quando os vêr vibrar de arte portugueza, em lingua portugueza, tambem você, meu querido amigo, ha de concordar com o seu fervoroso admirador e grato camarada.

Thomaz Ribeiro Colaço.

O CENTENARIO

OS nossos avós, que fizeram a Independencia, tinham opiniões sobre o mez de Agosto. Segundo elles, nestes trinta e um dias, o diabo andava á solta. Os ventos que vêm do mar e enfurecem as ondas, apparecem sempre em Agosto. Em Agosto, ha crimes, suicidios, desastres, como, em nenhum outro pedaço do anno... Agosto, mez de desgosto...

Se os nossos avós resuscitassem agora, por um instante, e vissem o delirio que envolve a cidade, tão pacata no seu tempo, haviam de benzer-se, arripiados, e voltariam para as suas eternas moradas, mais convencidos ainda das façanhas do tinhoso ás vesperas de Setembro...

Entretanto, tudo isso que excita as pessoas e esburaca as ruas, nada tem que o apparente com influencias malignas... E' o Centenario, apenas. E' o Centenario da Independencia avizinhando-se, hora a hora. A terra carioca veste-se para as grandes festas. Rapariga estouvada linda no seu desleixo, deu agora para *coquette*... A terra carioca quer receber o velho amigo com a graça sem principios de uma noiva seculo XX, bailadora, torcedora, alegre de toda a alegria do mundo...

HOSPEDES DISTINCTOS

ENTRE as familias da alta sociedade uruguaya e argentina, que vieram ao Rio, para as festas do Centenario, assignalámos as seguintes: Anchorena, Suarez, Valiente Noailles, Pacheco, Massey, Lamarca, Estrogamaun, Hardoy, Moreno, Necol, Pacheco, Beiso, Fleurquin, Tabares, Ortiz de Rosas, Rodriguez del Busto, Sienra, Mendez Gonçalves, Torres, Elia, Souberan, Senillosa, Obligado, Almanza, Avevedo, Alvarez, Braggi, Balbin, Basavillaso.

N O' S . . .

SE alguma coisa observei no estudo do nosso passado, é quanto são futeis as nossas tentativas para deprimir, e como sempre vinga a generosidade. . Infeliz de quem entre nós não tem outro talento ou outro gosto senão o de abater! A nossa natureza está votada á indulgencia, á doçura, ao enthusiasmo, á sympathia, e cada um póde contar com a benevolencia illimitada de todos... Em nossa historia não haverá nunca inferno nem siquer purgatorio... — *Joaquim Nabuco.*

FLORENCE O'DENHISHAWN, DANSARINA AMERICANA, QUE AINDA NÃO PERTENCE Á "TROUPE" DO BA-TA-CLAN...

VENDO UM AEROPLANO

A Santos Dumont.

Na envergadura audaz de um gigantesco insecto,
Levanta-se da terra e mergulha no espaço!
E num vôo eminente, ora curvo, ora recto
Zune acima de tudo o que é pequeno e escasso.

Vae retalhando o azul com as suas azas de aço!
Do alto as aguias desthrona e, a vencer o trajecto,
O futuro conquista e cinge em largo abraço,
O infinito espantado, o firmamento inquieto.

Levantar-me da poeira, assim como o aeroplano,
E no ether diffundir meu sonho sobrehumano,
Ah! toda a vida foi meu unico desejo!

Mas emquanto elle vae no seu vôo incoercivel,
Eu me arrasto, ai de mim, sempre no mesmo nivel,
Como se apenas fosse um triste caranguejo!

Aurea Pires da Gama.

APOLLO ANDRÓGYNO

A vestimenta masculina moderna é ridicula. A contemporanea de ha muito que é anti-esculptural; mas a presente, que effemina e androgyniza o homem, fazendo-o um *amarrado* de vaidades, leva, ao exaggero, a fraternidade entre os dois sexos.

A belleza da veste resulta de sua maior plasticidade para modelar a fórma, sem comprimil-a, sem deixar esses grandes vasios sem claro-escuro, essas superficies desertas de dobras, como se o corpo humano fosse obra de um *racleur* de pedra, com aspecto informe dos Apollos archaicos, e não essa harmonia admiravel de luzes e sombras.

Rodin dizia que o corpo humano era um templo em marcha. — A roupa deve, assim, indicar o instantaneo das acções, sem impedir a espontaneidade vivente dos movimentos.

Em *acção*, o corpo humano, criando e desfazendo uma successão maviosa de figuras e rythmos, é verdadeiramente um hymno.

A *acção* é sempre bella, intensa, viva; a *situação* é morta e como que postiça. Por isso, a roupagem que tolhe ou desvirtua o donaire das momentaneas expressões, a sequencia vivaz e inesperada das cadencias, a mutação subitanea dos seus movimentos transitorios, — desfigura o corpo, caricaturiza as intenções, afeia a actividade, ridiculiza os impulsos mais sinceros.

Mas, sem mesmo falar no *cinto* que é o caracteristico da moda masculina presente, — o seculo passado e este perderam o senso e thedico no vestir do homem. E ficamos sujeitos á feissima casaca, modelo precursor dos inventos *cubistas*. Sem querer analysar as outras vestes do homem e sua evolução de 1580 para cá, pode dizer-se, em globo, que o traje actual se afasta por completo da logica, do senso-commum e principalmente do bom gosto.

Era Diderot quem dizia que — *l'habit de la nature c'est la peau, plus on s'éloigne de ce vêtement, plus on pêche contre le gout.* Precisamente, o trajo moderno foge de plasmar a fórma humana: rectifica a natureza e inventa outra taboada de valores plasticos. Reveste o corpo do homem por superficies, sem planos, como se elle estivesse dentro de uma caixa de pau. E, nessa xiloplastia, o cidadão moderno, ao longe, ás brisas resperaes, não se differença muito dos *espantalhos*, ao vento. Mas em vez de assustar os passaros, seduz as damas...

O alfaiate não tem o menor *sentimento esculptural* do corpo que vae vestir: as saliencias e reentrancias não são marcadas: o homem é dividido em um cubo e dois cylindros. Suas pernas ficam uniformes e rectilineas, pois que as calças têm um feitio egual, sem modelado, e não traduzem os contornos que revestem. — FLEXA RIBEIRO.

GRUPO TIRADO NO HOSPITAL PRÓ-MATRE APÓS AS OPERAÇÕES ALI REALISADAS PELO PROFESSOR FRANCEZ J. L. FAURE. VEEM-SE, LADEANDO O ILLUSTRE HOSPEDE OS PROFESSORES: FERNANDO DE MAGALHÃES, MORAES FRIAS (PORTUGUEZ), NABUCO DE GOUVEIA; DRS. MONJARDINO, MAURICIO GUDIN, OCTAVIO DE SOUZA, ARNALDO DE MORAES, FERNANDO VAZ, OLIVEIRA MOTTA, CORREIA DA VEIGA, A. PRATA, VICTOR GODINHO, REYNALDO DE ARAGÃO, MARIO BRAUNE E OUTROS. FIGURA TAMBEM NA PHOTOGRAPHIA A SENHORA STELLA GUERRA DUVAL, FUNDADORA E ALMA DA PRÓ-MATRE.

TUDO AMARELLO

O preto sahiu da moda. O vermelho é considerado abominavel pelos arbitros da elegancia universal. A côr preferida é o amarello nas *toilettes* simples, para a rua, confeitarias, visitas; e nas complicadas, para a noite, etc. Chapéos, vestidos, meias, luvas, tudo tem que ser amarello... Deu ictiricia na moda... A billis accumulada durante a guerra, explodindo ainda, de quando em quando, contra os allemães, invadiu a imaginação dos costureiros da capital de França, e eis ahi o resultado...

NO PASSEIO PUBLICO, EM FORTALEZA, CAPITAL DO ESTADO DO CEARA'.

CURTISSIMOS...

Parece que os vestidos curtos vão voltar. A razão apresentada para esse retorno contente é a mulher moderna que, dada ao sport e doida por dansar, não póde moverse com facilidade dentro de uma saia até aos pés... E' por isso, então, que as bailarinas e outras deliciosas senhoras do grupo parisiense, agora no Lyrico, aboliram já todo e qualquer empecilho cobridor... O emprezario Loureiro é que acha muita graça... E o publico enche o velho casarão da rua 13 de Maio para ver a traducção franceza, correcta e augmentada, do theatro S. José...

FOOTBALL EM SÃO PAULO. ENCONTRO PAULISTANO X PALESTRA. A MULTIDÃO QUE APINHAVA AS ARCHIBANCADAS DO JARDIM AMERICA.

TEAMS DO CORINTHIANS E DO AMERICA, DO RIO, CUJA LUTA DEU ESTE RESULTADO: CORINTHIANS 2 — AMERICA 0.

INSTANTANEOS DA "TORCIDA" DURANTE O SENSACIONAL JOGO ENTRE PAULISTAS E BAHIANOS, TERMINADO PELA VICTORIA DOS PRIMEIROS.

CINEMA PARA-TODOS...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAPHIA

REDACTOR-CHEFE OPERADOR | RIO DE JANEIRO, 26 DE AGOSTO DE 1922 | COLLABORADORES VARIOS

A NOSSA CAPA

MAE MURRAY, que hoje occupa novamente a nossa capa, em homenagem tambem ao artista que para a tela passou a sua insinuante figurinha, celebrisou-se mais pela sua plastica e seus dotes de bailarina do que mesmo pelo valor de suas interpretações dramaticas. Actualmente, depois de fazer uma série de films para a "Famous Players", trabalha para a "Tiffany-Metro".

No proximo numero — CULLEN LANDIS.

Chronica

AINDA OS NOSSOS CINEMAS

Volve o Iris, agora sob nova direcção e depois de ter experimentado os mais diversos generos, até o circo de cavallinhos, a dar espectaculos cinematographicos. Ora muito bem.

E' uma boa casa que doia á gente ver entregue a outros fins que não os visados por seus proprietarios, quando o transformaram, introduzindo-lhe os melhoramentos que delle fazem um dos melhores salões de exhibição do Rio de Janeiro.

Continúa, pois, e agora mais do que nunca, visto que o Iris passará a exhibir programmas selectos ao mesmo tempo que o Odeon, *a rua da Carioca, com os seus dois magnificos cinemas a manter evidente vantagem sobre os da Avenida.*

E' de esperar pois, que o fetichismo *pela Avenida (de que o sr. Serrador, que passa agora a explorar o Iris, era um dos derradeiros Abencerragens), acabe, de vez, por se dissipar e lançando os olhos pelas ruas transversaes, nas proximidades da grande arteria central, os grandes exhibidores se resolvam a construir nellas os grandes salões de projecção, exigidos não só pela cultura de nossa capital, mas ainda pelo alto custo das programmações actuaes, que carecem de defesa na capacidade dos logares destinados aos espectadores.*

Com a acquisição de films novos e de elevado custo, a Companhia Brasil Cinematographica teve de irradiar a sua acção, passando a explorar um outro cinema, e esse de grande capacidade, no proprio centro urbano.

Não é esta a melhor justificativa de quanto temos articulado destas columnas sobre esse assumpto?

São Paulo, nesse ponto, como em muitos outros, já se avantaja á nossa capital. Parece que lá o espirito de iniciativa acha mais franca acolhida junto do capitalismo, e as idéas, mal germinadas, conseguem facil realisação.

O espectador paulista está muito mais bem servido do que o carioca, em materia de espectaculo cinematographico. Sempre acreditámos que, com as festas do centenario, alguma coisa entre nós se fizesse.

Mas qual!

Que nos fique o consolo de que algo se faça... para o segundo centenario.

OPERADOR.

AOS NOSSOS LEITORES

Para as festas do centenario *Para todos...* manterá uma reportagem fiel de todas as commemorações que se fizerem, desdobrando o seu serviço de informações e actualidades em grande numero de paginas illustradas. Para esse effeito augmentará sensivelmente o numero de suas paginas, de sorte que de modo algum venha a ser prejudicada a sua secção cinematographica, que continuará como até agora elaborada com o maior capricho. Assim, os leitores não carecerão recorrer a outras revistas para ter uma visão perfeita de tudo quanto no Rio occorrer durante os festejos do Centenario, de Setembro a Dezembro. Com esse augmento de paginas e *clichés*, duplicado o custo de nossas edições, passará o preço de *Para todos...* a ser

— — — — PARA TODO O BRASIL, de 1$000 — — — —

UMA HISTORIA DE CINEMA

Na prisão de Estado do Arizona vivia um tal Louis Peter Eytinge, condemnado a trabalhos forçados por toda a vida, por sentença do Jury. Esse preso nunca deixára de protestar contra a sua condemnação, devida, affirmava elle, a um erro judiciario.

Uma revista americana *The Outlook*, organizou um concurso de argumentos para films, com varios premios, com o fito de desenvolver o gosto pela literatura nos Estados Unidos.

Eytinge, tendo conhecimento desse concurso, começou a escrever a historia de sua vida, para fugir ás longas e aborrecidas horas da prisão. Enviou-a depois á revista. Ora, aconteceu que a novella de Eytinge era uma pequena obra prima, que fez o mais ruidoso successo nos Estados Unidos, entre os milhões de leitores de *The Outlook*.

A Universal adquiriu o direito de a filmar, ao tempo em que o preso recebia o primeiro premio instituido pelo concurso. Agora, esse film foi passado em primeiro logar na prisão de Arizona, para o autor e seus companheiros. Depois começou a correr mundo e causou tal impressão que abaixo-assignados com milhares de assignaturas estão sendo dirigidos ao presidente Harding, solicitando a revisão do processo de Eytinge.

✣ ✣ ✣

As duas orphãs, de Griffith, passaram no Scala, de Londres, durante cento e cincoenta vezes; 630 mil espectadores o viram.

✣ ✣ ✣

Helen Chadwick, estrella da Goldwyn, é uma das raras artistas que usam seu proprio nome na vida artistica. Nascida na villa do mesmo nome, Estado de Nova York, foi em tempos conhecida como rapariga de mais retratos nos Estados Unidos, quando serviu de modelo a varios artistas. Quando o general Nivelli foi á Norte America classificou-a como *a mais linda moça norte-americana*.

Aos 16 annos entrou para o cinema. Fez alguns films para varias marcas e depois entrou para a Goldwyn, onde se fez "estrella". Varios films dos de maior successo dessa marca correm á sua conta.

✣ ✣ ✣

Katherine Mac Donald, que passou alguns annos divorciada, casa-se agora com Jack Morrill, um rapaz de boa sociedade de Chicago, que passou uma penca de mezes na California, a cortejal-a.

✣ ✣ ✣

Mae Marsch, como Constance Binney, acha-se na Inglaterra, trabalhando para uma empreza cinematographica, a Graham-Wilex Prods.

✣ ✣ ✣

A "Daylight Screen (cinema em plena luz), processo de projecção que permitte evitar a obscuridade das salas, foi experimentando, publicamente, deante de quinze mil pessoas, no Parque Starlight de Nova York.

✣ ✣ ✣

Bruce Guerin, tem tres annos apenas e é considerado como Boby Peggy, um verdadeiro prodigio.

Trabalhou com Viola Dana e John Harron em "Page tim O'Brien", da Metro.

✣ ✣ ✣

Em "Missing Millions", Alice Brady trabalha com David Powell. Esse film é da Paramount.

A TERRA EM FOGO

Super-producção da Goron Deulig film, de Berlim — Drama social em 6 partes — Producção de 1922 — Direcção scenica de F. W. Murnau

Titulo original : DER BRENNENDE ACKER

DISTRIBUIÇÃO

O velho Rog. . . .	Werner Krauss
Pedro ⎧ seus filhos.	Eugen Klopfer
João ⎩	Wladimir Galarow
Conde de Rudenburg	Ed. von Winterstein
Gerda, sua filha . .	LYA DE PUTTI
Helga, sua esposa do segundo matrimonio	STELLA ARBENINA
Luiz de Lelevel . .	Alfred Abel
Maria	Grete Dircks

As grandes terras pertenciam todas ao conde de Rudenburg e nellas vivia com seus filhos Pedro e João o velho Rog. Os dois rapazes se pareciam bastante no seu todo, isto é, no caracter que ninguem lhes podia menosprezar. O mais velho, o Pedro, espadaúdo, sincero como todo camponez, tinha um grande amor á sua tenda, onde nascera e onde fôra creado. João, no emtanto, apezar de possuir os mesmos predicados que o seu irmão, ainda assim tinha a correr nas suas veias o fogo da ambição.

O velho Rog. que está enfermo, entra em agonia e antes confia o seu filho mais moço, para o qual tem um grande amor, a Pedro, para que este termine a sua educação e trate do seu futuro; mas este não se conforma em viver naquella solidão da campina e em meio dos camponezes. Elle não se conformando com o futuro que o espera e ainda menos ter que casar com a Maria, uma flor da aldeia, abandona o lar com intenção de ganhar a cidade pela estrada rural.

Em meio da jornada encontra Gerda, a filha do conde e esta lhe propõe que se apresente ao seu pae, pois este talvez lhe possa dar um emprego. Confiante no seu successo vae, ao castello em procura do conde e este lhe dá o logar de secretario particular que está vago. Cheio de ventura sae em procura do irmão, a quem participa ter obtido o logar e ahi então se passa uma scena dramatica empolgante, pois ao ser censurado pelo irmão, por abandonar todo o seu passado, elle declara-lhe que desiste da herança a que tem direito pela morte de seu fallecido pae. Tem esperança em obter lá, junto á banca do velho conde, mais rapidamente a felicidade.

Gerda, a filha do conde, que é noiva, por vontade de sua madrasta, do barão Luiz de Lelevael, mas que não tem a este nenhum amor, apaixona-se, mas em segredo, pelo novo secretario do seu pae. Apezar de Gerda não deixar transparecer nada do seu grande amor por João, a sua madrasta mesmo assim desconfia, e ella que é muitos annos mais moça do que o velho conde tambem sente um certo amor por João.

Entre as terras do velho conde ha uma parte denominada "Terra do Diabo", e que nenhum arado jámais havia cultivado, pois as mais terriveis historias são contadas sobre aquelle pedaço de terra. Uma das lendas mais vulgares era que um dos antepassados do velho conde havia ali enterrado grandes thesouros e que os queria cada vez mais profundos, como se tivesse a obcessão de aprofundal-os de tal maneira que chegassem ao inferno. Certa noite, accrescentava a lenda, o velho indo mais uma vez ao subterraneo para ver e examinar o seu thesouro e enterral-o ainda mais, fôra alcançado pelas chammas do inferno e ficára para sempre ali enterrado.

Tambem o conde não deixava de visitar a "Terra do Diabo", e sempre que se lhe apresentava opportunidade ia percorrel-a com o fim de descobrir alguma cousa que positivasse a lenda que todos contavam e que elle tambem lera nos registros do seu castello. Lá no logar onde se diziam enterrados os thesouros, os superstíciosos haviam mandado erigir uma capella e esta era a unica construcção que dominava com a altivez da sua cruz todos os campos. O velho conde, no emtanto, não perde as esperanças e manda vir da Capital um profissional que deveria proceder a um exame minucioso no terreno e no logar em que a lenda dizia estar enterrado o thesouro.

O velho Rog está enfermo

O profissional inicia as suas pesquizas e consegue descobrir no logar indicado uma mina de petroleo.

O velho conde, que não tem amor algum a sua filha, pela sua ostensiva e arrogante posição, resolve no seu testamento dar-lhe todas as suas propriedades, com excepção das "Terras do Diabo", que elle destina a sua consorte e, assim, sem que ella o saiba, bem como ninguem em toda a aldeia, vem a ser a mais rica herdeira do velho conde. Sómente uma pessoa o sabia e esta era João, que o havia ouvido por entre as portas, quando o velho conde confabulava com o profissional sobre as "Terras do Diabo".

João sabia do amor que Helga em segredo trazia comsigo e sabe se aproveitar da sua fraqueza. Depois da morte do conde casa-se com ella e vem a ser assim senhor da grande fortuna que para elle sorri.

A condessa no emtanto ainda não encontrou assim a sua felicidade. Como seu primeiro marido, parece que João cuida mais das "Terras do Diabo" que della.

João consegue interessar os circulos financeiros e festas são dadas em sua honra, pela grande descoberta da mina de petroleo. Creditos incommensuraveis lhe são postos á disposição, para que elle possa iniciar a exploração. E assim pouco a pouco João pensa poder satisfazer toda sua ambição.

Infelizmente não estava ainda vencida completamente a jornada, quando Helga, á qual faltavam meios para viver, resolveu vender as "Terras do Diabo" ao seu cunhado Pedro. Quando João volta da sua viagem a Capital recebe da bocca de sua propria esposa a inesperada noticia da venda das terras por uma quantia insignificante. (Aqui o verdadeiro assumpto do drama se desenrola fortemente).

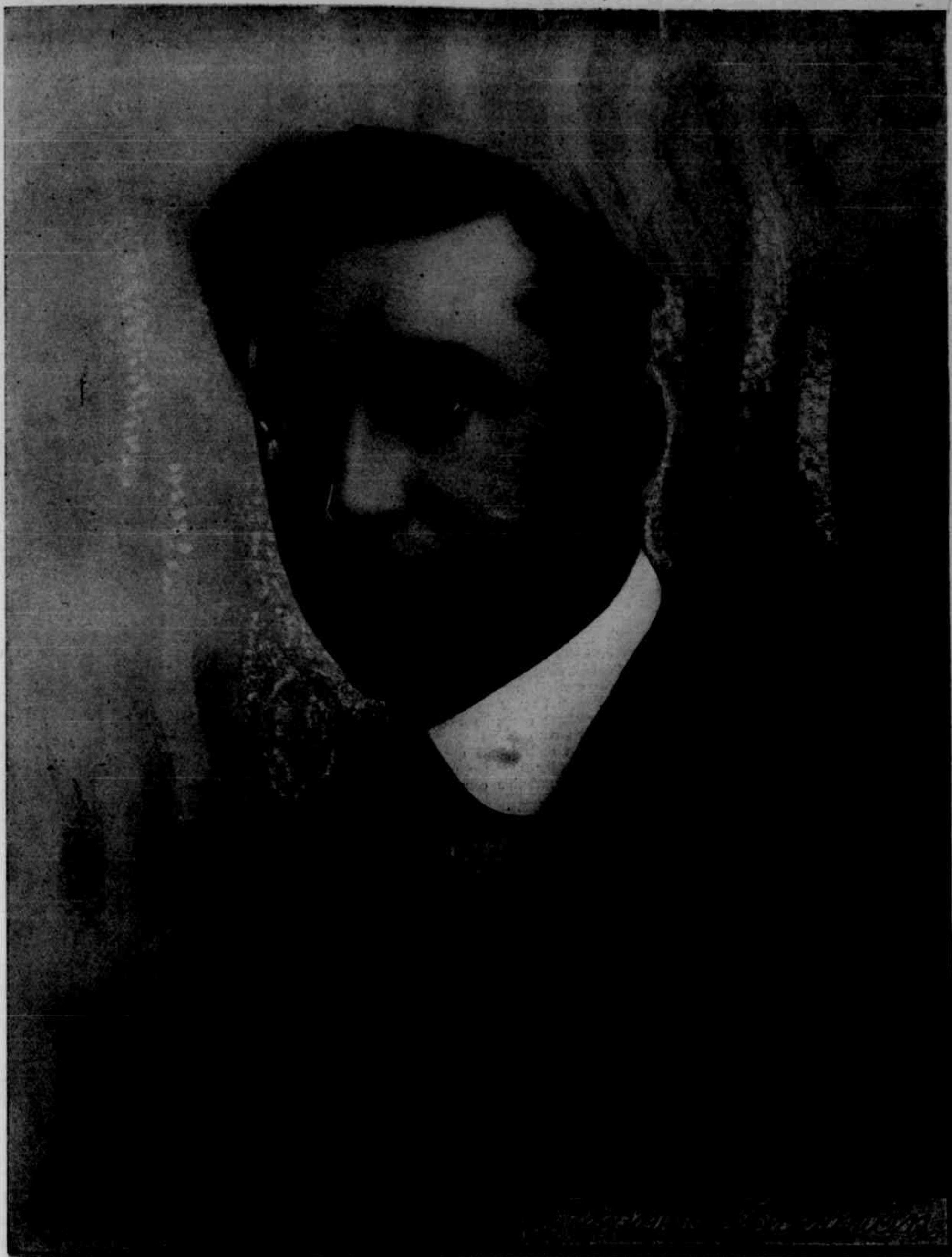
Elle a força a voltar immediatamente á casa de Pedro para desfazer o negocio já liquidado e ella vae em procura de Pedro e este generosamente devolve o recibo que ella passara. No emtanto Helga não leva comsigo a prova, mas a rasga e deixa cahir no chão os pequenos pedaços de papel, que elle, depois della sahir como louca da sua choupana, novamente apanha e guarda.

Depois de Helga deixar a casa de Pedro, atravessa a grande campina coberta de gelo e pelo seu estado de nervos, vencida pelo cansaço, cae e morre em meio

(*Termina no fim da revista*)

A ambição que o dominava...

O segredo da Terra do Diabo

Entre as duas mulheres...

NORMAN TREVOR, conhecido actor cinematographico, mostrou, indignado, nos circulos artisticos de Hollywood, uma carta faz pouco por elle recebida nos seguintes termos: "Miss Norma Trevor — Cara Miss. — Vi-a varias vezes em film e o amor entrou-me a fazer cocegas no coração. A senhora é a artista mais bonita que ha no cinema. Peço-lhe que me mande a sua photographia com autographo". E em baixo o jamegão de um marmanjo.

◈ ◈ ◈

ZA SU PITTS (Mrs. Tom Gallery) é mãe de uma encantadora menina de que vae ser madrinha Betty Blythe.

◈ ◈ ◈

Under dath é o primeiro film que Elaine Hammerstein faz para a Selznick, na California. Até aqui essa artista sempre trabalhou nos *studios* de New York. Niles Welch é o seu *leading-man*.

◈ ◈ ◈

O papel de Ricardo Coração de Leão, no film *Robin Hood*, que Douglas Fairbanks está posando para United Artists, será desempenhado por Wallace Beery.

1) *Earle Williams;* 2) *Barney Sherry;* 3) *Eileen Percy;* 4) *Edith May;* 5) *Elliott Dexter;* 6) *Violet Mersereau;* 7) *Norma Talmadge.*

MISS DU PONT, a estrella da Universal, que tamanho successo obteve no film de Von Strohe'm, *Fool'sh Wives*, espantou toda gente na Filmlandia quando sol'citou divorcio de um tal Hannon, de Chicago, allegando que havia annos não faziam vida commum e que elle em nada contribuia para o seu sustento. Ninguem imaginava que Miss Du Pont fosse casada...

◈ ◈ ◈

Fala-se muito no casamento de May Mc Avoy e Eddie Sutherland, sobrinho de Thomas Meighan e galã da téla.

◈ ◈ ◈

Joseph Shildkraut, que Griffith lançou no film *As duas orphãs*, casou-se recentemente com Elsie Bartlett Porter, de New York.

◈ ◈ ◈

Em *The Ghost Breaker*, film da Paramount,. em que Wallace Reid desempenha o principal papel, Walter Hiers, aquelle gorduchinho que sempre figura nas comedias Realart, interpretará um papel de negro, e Lila Lee o de uma princeza hespanhola.

◈ ◈ ◈

White Shoulders é o ultimo trabalho de Katherine Mac Donald, sob a direcção de Tom Forman. Nesse film figuram Bryant Washburn e Nigel Barrie.

1) *Clarence Geldard;* 2) *Charles Ogle;* 3) *Lucien Littlefield;* 4) *Clarence Burton;* 5) *Norma Talmadge em seu bello film "Smilin through".*

MAE MARSH

VINGANÇA

May-Film de Berlim — Producção de 1922-1923

Durante vinte e cinco annos Lord Silvester Hull accumulou contra seu irmão mais moço, Henry, um odio incontido, por ter este sido causador de uma das suas maiores desventuras.

Naquella épocha Lord Sylvester era noivo de uma encantadora moça, a qual no emtanto não correspondia ao seu grande amor. Ella porém amava o seu irmão e isto levou Sylvester a esperar um momento para exercer toda sua vingança contra elle, que, indefeso contra o amor da rapariga, tinha que supportar toda ira de Sylvester. A grande ira do irmão augmentou ainda mais, pois na vespera do casamento ella se deixou seduzir por Henry e logo depois delle receber uma carta della, em que retirava a sua palavra dada e que devia ser effectivada 24 horas mais tarde pelos sagrados laços do sacerdote, jurou perante os Deuses que se vingaria do irmão, fosse quando fosse possivel. Assim, pouco depois desta sua grande desventura, deu sua mão de esposo a uma outra mulher pela qual não tinha interesse algum. Mesmo nesta escolha foi infeliz. A mulher a que elle déra seu nome o trahia com um outro. Foi por um acaso que elle veiu a saber dos maus passos da sua consorte e isto o convenceu de que o filho que ella lhe havia dado não era seu, mas sim de um outro; mesmo assim elle se alegrou, pois esta innocente creança serviria para elle de instrumento para a vingança contra seu irmão.

Lord Sylvester repentinamente adoeceu gravemente e do seu estado de saude conhecia e sabia perfeitamente que o fim se approximava e isto o levou a mandar chamar seu irmão para junto do seu leito de dôr e a lhe dizer que seu filho Percy seria seu unico herdeiro e que elle Henry que por força de direito devia ser o herdeiro e maioral de todas as propriedades, não receberia nenhum real de tudo que o irmão possuia e sarcasticamente lhe declarou: "Agora conheces toda a verdade e a precisas apenas provar; mas a tua unica testemunha... sou eu... e eu morro" e estava morto e a bandeira do castello desceu a meio páo, dando a conhecer que o feudal senhor tinha entregue a alma ao creador. A ultima confissão do irmão compungiu profundamente Henry.

Percy, que estava sendo educado num internato, depois de alcançada a edade precisa voltou a occupar o castello de seu fallecido pae e que era agora de sua propriedade. Henry certo dia o procurou para lhe contar o que seu fallecido pae lhe havia dito momentos antes de morrer; mas o joven apontou-lhe a porta, por julgar offendida, com a declaração do seu tio, a honra de sua mãe. O mais importante advogado da localidade que foi procurado por Henry para levar a effeito um processo contra Percy, negou-se a aceitar a causa, pois as ultimas palavras do fallecido tinham sido apenas ouvidas por Henry e isto não bastava e a falta de testemunhas era motivo bastante para perder todo e qualquer processo.

Como um louco, Henry deixou a casa do advogado e o caminho de casa se tornou para elle penoso, pois procurava, pelo processo, garantir o futuro de seus filhos Archi e Imogen e como não soubesse como entrar novamente desesperançado em casa, repousou num banco do parque que tinha de atravessar. Repentinamente uma voz o fez acordar daquella profunda absorção. Esta voz era a de um homem pequeno, aleijado, que lhe disse: "Não deixe de ter esperança, Sr. Hull; o senhor ainda póde vir a ser senhor da herança". Este sujeito era escripturario do advogado que Hull procurára e ouvindo a conversa deste com seu patrão o havia seguido até ali e o acordára dos seus profundos pensamentos.

Henry perguntou áquelle que até então lhe era desconhecido: "Você me pode obter provas de que Percy não é o legitimo herdeiro da fortuna?". E o pequeno aleijado se limitou a responder: "Talvez!" terminando por convidal-o a que o seguisse. Como um hypnotisado elle levou Henry até a sua residencia e ahi lhe propoz um convenio, que foi documentado em tres folhas de papel, nas quaes estava escripto o seguinte: "Pelo presente pagarei mil libras esterlinas contra uma que dentro de tres mezes serei o herdeiro do meu irmão Sylvestre". Todos os tres documentos Henry assignou insensivelmente.

Imogen tinha dito ao seu pae que deixasse de intentar processo contra o herdeiro de seu fallecido tio, pois por dinheiro não valia á pena trazer a publico coisas da vida intima de uma familia. Apezar de ter um grande amor a sua filha, Hull não attendeu ao pedido della e seguiu o conselho de seu filho, que era sedento por dinheiro, o que demonstrava seu caracter. Quando ella teve conhecimento por seu pae de que a visita que este fizera a casa do seu sobrinho, afim de com elle obter uma solução satisfactoria para a questão, tinha sido completamente contraproducente. Imogen resolveu escrever *esponte sua* uma carta amistosa ao seu primo, que ella até então não conhecia e na qual lhe pedia que não annuisse a tudo que seu pae lhe propuzera. Accrescentava ainda que não era em absoluto a ganancia por dinheiro que o levava a agir daquella maneira, mas exclusivamente o garantir o futuro de seus filhos. Ao receber esta missiva, o joven Percy ficou completamente dominado, e immediatamente se dirigiu para casa de seu tio, afim de se desculpar do seu modo de proceder por occasião da visita delle a seu castello. Foi recebido por Imogen e esta impressionou extraordinariamente logo a primeira vista o rico her-

(*Termina no fim da revista*)

Imogen e o primo

No castello de Lord Sylvester

Percy herdára o castello

As letras...

DISTRIBUIÇÃO

Lord Sylvester Hull	ALFREDO ABEL
Percy, seu filho . .	SWETISLAV PETROWITSCH
Henry Hull, seu irmão	Bruno Decarli
Archi } seus filhos	Alfons Fryland
Imogen } seus filhos	EVA MAY
Humphrey Daynton.	Arnold Korff
Twist.	Hugo Doblin
Pique As.	ALBERT STEINRÜCK
O marinheiro. . .	Kurt Gerron
Um usurario . . .	Leonhard Haskel

Lord Sylvester adoeceu...

A PALHACINHA

(THE MAN WHO HAD EVERYTHING)

Film Realart — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

A palhacinha — Pat	MARY MILES MINTER.
Dick Beverley . . .	JACK MULHALL.
Toto	Nelly Edwards.
Mrs Beverley. . . .	Helen Dunbar.
Coronel Beverley . .	Winter Hall.
Roddy Beverley. . .	Cameron Coffey.
Comine Potts . . .	Lucien Littlefield.
Nellie Johnson . . .	Laura Anson.
Jim Anderson. . . .	Wilton Taylor.
Liz	Zelma Maja.

Quem punha os olhos em Pat, (Hypatia Sainte Germaine de seu verdadeiro nome) tinha por força que pensar n'uma porção de coisas desconnexas: pão de gengibre quente, ventos da primavera a beijar prados coalhados de margaridas, gatinhos de poucos mezes, flexuosos e meigos... Saude, pureza, e sobretudo juventude! Sim, juventude de tal exuberancia que, ao seu contacto, todos se sentiam idosos, fanados, meigamente protectores. A propria Belle que fazia a "voltigeuse" decotada, com um saiote de tulle branco que mais parecia uma corolla de flor, Belle, que proclamava vinte annos perennes e impereciveis, constantemente apregoados nos passados quinze annos, nunca fallava a Pat senão com ares de uma bôa avózinha, a recommendar-lhe que usasse galochas, que fosse para a cama logo após o seu numero, em vez de esperar que os voadores Felechetti, que verdadeiramente se chamavam O' Flynn, se atirassem do mais alto ponto da coberta de lona á rede, cá em baixo.

Pat era propriedade de todo o circo Anderson. Uma dupla tragedia legara-a, com dois annos, a todos os que ali mourejavam, desde papae Tótó, o palhaço, até Maggie, a encarregada do guarda roupa. E assim, conforme nesse momento ella explicava a Nelliie, a Pata Amestrada, era muito mais feliz que as outras raparigas, uma vez que, em vez de um só pae e uma só mãe, tinha não menos de quarenta progenitores de cada sexo!...

— Bem felizes nos devemos considerar! — declarava, meneando á patinha um indicador impressionante. — Quantas patinhas não ha que vivem toda a sua vida no obscuro terreiro de uma quinta, até que num dia de Natal vão acabar n'alguma mesa de luxo, servidas com molho de alcaparras! Imagina as pobres raparigas sentenciadas a vêr passar os annos n'uma villota como esta! — dizia, apontando com um dedo eloquente o casario branco, o campanario quadrangular, que appareciam para além dos trilhos da estrada de ferro.

— Ah! não. Seria para nós a morte, uma vida como a das outras patinhas, das outras raparigas! Imagina se tivessemos que cessar de viajar de um logar para outro, se tivessemos de desistir desta vida de constante movimento, sempre a vêr coisas novas, e ouvir o publico rir e baternos palmas!...

Nellie, instavelmente equilibrada sobre uma bola que era propriedade do senhor e da senhora Iglos, — As Phocas Humanas — rolou os olhos vermelhos nas orbitas e fez ouvir um grasnido que tanto podia traduzir um assentimento como a expressão da sua saudade pela vida de domesticidade chocadeira que ella havia sacrificado á Arte.

— Naturalmente, — proseguiu Pat — quando formos velhas, muito velhas, quando tivermos ahi uns trinta annos, ha de nos talvez ser agradavel uma casinha geitosa e garrida com um telhado vermelho, e eglantinas a enlear os portaes, e cinco ou seis caturrinhas de faces muito redondas, alguns casaes de pombos, e um cachorrão enorme, com o pello todo encaracolado!... Então, será a hora de cozinhar as tortas, de preparar as geléas de fruta.

Por detraz da téla da barraca, retendo a respiração, Papae Tótó, escutava attento. Não cuidava agora de ser engraçado, nem pode um "clown" ser engraçado a todas as horas da vida!

Era um homem pequeno, Papae Tótó; e se jámais tivera outro nome, além d'aquelle com que se apresentava no circo, jámais ninguem lh'o conhecera. No rosto descarnado havia linhas bizarras e rugas que na pelle haviam esculpido as caretas grotescas que elle fazia para viver, e por isso parecia sempre que elle estava —a rir, mesmo em horas como esta, em que o seu coração estava bem longe de rir!

— A pequena está crescendo! — ponderou de si para si — Ella vae para deante e nós para traz! Algum dia, ella irá procurar longe de nós o seu futuro! Longe de nós! Longe de mim!

Fôra Pat que lhe chamára papae desde o primeiro dia em que, nas suas perninhas incertas, pisara a arena pela primeira vez, pela mão delle. Fôra no collo delle que ella aprendera a ler; os labios de Tótó tinham cantado as canções com que ella adormecera, durante muitos annos, e as mãos delle, fortes como aço para dar bofetões ou marinhar numa corda, doces como mãos de mulher quando lhe aconchegavam as roupas na cama ou lhe penteavam os dourados caracóes, tinham-n'a tratado através toda uma série de molestias infantis, tinham-lhe ensinado as primeiras habilidades profissionaes, tinham-lhe abotoado os vestidos e cerzido as meias, muitas e muitas vezes!

Papae Totó não era porém, tão velho como o seu nome parecia indicar. Só elle e talvez o seu Anjo da Guarda soubessem que elle tinha trinta e seis annos, e não cincoenta, como qualquer lhe daria, vendo-o. E, agora, escutando casualmente as ingenuas revelações do coração de Pat, Tótó acabava de sentir dentro de si que ainda não perdera o poder de querer, de amar, de desejar, de soffrer!

— Muito, muito velho, ahi uns trinta annos! — repetiu elle, lugubremente. — E' assim que me vêem os olhos dos dezesete annos, — um pobre Mathusalem, vacillante sobre as pernas. Com certeza — e as linhas ridentes do seu rosto alastravam-se-lhe incongruentemente pelas faces de couro — com certeza neste mesmo momento, um joven estudante, erecto e de faces rosadas, está crescendo algures para a minha pequenina, e a casinha geitosa e garrida, com as seis caturrinhas rubicundas, talvez não demore a apparecer...

— Mitzi! Mitzi! Depressa aqui! Já, já! — gritou lá fóra Pat; e a sua voz, sempre implorante, foi-se apagando mais e mais, na distancia. Papae Tótó sorriu, tomado de subito allivio. Afinal de contas, Pat era ainda uma petiza, que só cuidava de brincar com macacos, patos e outros animaes, de trepar nos mastros da barraca, o que lhe valia um carão de quando em vez. O joven erecto e de rosadas faces ainda demomaria annos...

— E' seu... isto aqui? — perguntou o rapaz, gravemente. Era muito alto, muito moço, com certa polidez de maneiras, um tanto prejudicada agora pela necessidade de não soltar dez libras de carne que guinchavam, esperneavam, forcejavam por fugir-lhe, e lhe seguravam o chapéu entre as pernas nervosas, articulando ao mesmo tempo um rosario de pragas, felizmente pronunciadas no idioma simiesco. Mas Pat surprehendeu nos olhos do mancebo um riso de ironia, e só então reflectiu na figura que deviam estar fazendo, naquella rua grave e decorosa, as suas pantalonas de setim, branco e vermelho. E então, revestindo-se de uma subita gravidade:

— E' meu, sim, e será grande favor que solte o meu macaco!

— Que o solte!? — repetiu o rapaz, irritado — Pois não! E' só dizer-me o que hei de fazer para o soltar! Afinal, para que quero eu um macaco? Eu vinha passando tranquillamente por esta rua quando de repente este mal... este bicharoco desabou da arvore em cima de mim...

Abraçaram-se.

Scenas do circo

E ainda estava por vestir...

Nessa altura, a dignidade de Pat desappareceu numa vibrante gargalhada:

— Mitzi, cada vez que foge, traz-me sempre os presentes mais extraordinarios! Uma vez é um bife surrupiado num açougue, outras vezes um missal roubado numa egreja. Já de uma vez me trouxe uma navalha de barba, mas um homem, nunca me trouxe! E' esta a primeira vez!

Simultaneamente, o rapaz e a rapariga fizeram-se vermelhos e desviaram os olhos um do outro, como se houvesse alguma cousa de significativo e assustador naquellas palavras, ditas atôa.

— Vejo que a senhora faz parte do circo! — disse o rapaz em voz bem alta, para

Estavamos passeando nos bosques

Illusão, breve illusão...

O elenco do circo abrangia...

O circo de Tótó

fazer pensar que não o havia desconcertado o incidente. — Que divertido que deve ser! Sabe uma cousa? eu sempre tive uma vontade immensa de entrar para um circo!

— Divertido, é, na verdade! — disse Pat, a dansar, tendo já no hombro o macaco que acabava de lhe collocar sobre os cabellos de ouro o chapéo que havia roubado — A luz do sol, o alarido, o povo contente e feliz, na perspectiva de umas horas de alegria! E' alegre e divertido até quando chove e as gottas da chuva tamborilam a tela da barraca! Lá dentro, em meio ás luzes accesas, aqui e ali, todos se sentem confortaveis e felizes, emquanto lá fóra...

— Quem sabe? — disse pressurosamente o rapaz — Quem sabe se eu não poderia tambem...

Mitzi, com uma grave mesura, entregou ao rapaz o gorrinho emplumado de Pat.

— O que? Quereria, de verdade?... — interrogou Pat, com os olhos alegres, como estrellas azues, irisadas de ouro. — Pois deixe estar que eu vou pedir...

E' extranho como, com poucas palavras, tudo se explica, quando se tem dezesete annos. Precisamente meia hora depois da fuga de Mitzi, o elenco do circo abrangia mais um membro. Com o focinho da "Venus da Milha" de permeio, o novo cavalleiro acrobata e a palhacinha do circo lavraram o seu tratado de amizade.

— Sim senhor, que sorte que eu tive! — exclamava o rapaz. — Sentido como estava com o que papae me disse, eu já andava á procura de obter emprego, na pharmacia de Grayson, onde ganharia monotonamente o meu pão, a fazer pilulas. Eis senão quando me cae do ceu esta inaudita felicidade!

— Não, o que lhe cahiu do ceu, foi Mitzi! — disse Pat, a rir. — E porque brigou com seu pae? Talvez porque elle não o deixou casar com alguma moça do seu gosto?

Pat parecia absorvida agora em idéas relevantes, e com o dedo espetado na bocca, observava o rapaz com os olhos baixos. Era lindo, lindo sem contestação, mais lindo até que Dan, o Homem Perfeito, que levantava quatro alteres de 400 libras.

— Não, eu não conheço moças... sempre lhes tive medo!... Ri? Pois é verdade pura!

Poz-se a observal-a tambem, antes de proseguir. Era uma tentação o demoninho, com aquella roupa com que ella estava!

— Olhe. Quer que lhe diga? Foi assim. Papae não se quer convencer de que eu já sou um homemzinho. Ora, um homem de dezoito annos não deve ser tratado como uma criança, não é verdade? Com essa edade já deve trazer no bolso uma chave de trinco e não ter que dar contas por onde anda, de cada vez que sáe! Assim, disse a papae, francamente, as minhas idéas, que elle taxou de "criancices"! Ora, um homem não tolera um insulto como esse, e por isso disparei e tomei o bonde para a cidade mais proxima. Estava justamente a pensar no destino que devia dar á minha vida, quando a senhora appareceu. Queria mesmo agradecer-lhe, mas... mas não sei o seu nome!

E ambos riram jovialmente; mas o som daquellas risadas chegou aos ouvidos de Tótó como um dobre funerario. Parecia que aquelles risos o isolavam da brilhante, da absurda, da gloriosa mocidade dos dois, como uma parede de vidro, através da qual elle podia olhar, mas não passar. E a sua esperança de que annos se passassem, antes que apparecesse o joven estudante, erécto, de rosadas faces!? Illusão, breve illusão!

E as suas mãos musculosas de palhaço se cerraram, cravando as unhas na carne insensivel; e a cabeça lhe bamboleou sobre os hombros.

— Que as minhas mãos não se intromettam na sua vida! — exclamou baixinho, com toda a sua alma. — Que a minha grotesca sombra de arlequim, de bobo, não ensombre a sua aureola solar!

Os palhaços, bem vêem, nem sempre fazem rir. A's vezes põem de lado a gracola, e atrevem-se a ser entes humanos, um momento; mas tão habituado está o mundo a ver nelles a pilheria, que ainda nas horas de tristeza, ou quando lhes façam cerrar os dentes, ou lhes dôa o coração, melhor andarão que o escondam, pois de outro modo não ganharão dó nem sympathia, mas desprezo e escarneo, tão sómente.

Ricardo Worthington Beverley foi simplesmente "Dick" para toda a gente do circo, logo ao primeiro dia de ali conviver. Após a primeira quinzena pertencia tanto ao circo como se nelle houvesse nascido. A Dama Gorda fez-lhe uma gravata de seda, e o Esqueleto Vivo, uma figura resmungona, em quem se reflectia o effeito da dyspepsia inherente á sua especialidade, conheceu que "Dick" não era antipathico, e que valia, na sua bocca, por uma pagina de louvores. Os animaes fizeram-se seus amigos, e como era de prever Pat apaixonou-se por elle ,o que se faz aos dezesete annos, com a mesma facilidade com que as borboletas desdobram as suas azas de ouro. Uma e outra coisa são prodigios, mas que é a juventude senão a quadra dos prodigios, em que todas as flores são rosas, e todos os rapazes e raparigas principes e princezas disfarçados?

O disfarce de Pat era completo, e não o era menos o de Dick. E ella ficava de pernas cruzadas, sobre o parapeito da arena, a contemplar-lhe a juvenil e esbelta figura, cingida na sua malha de seda vermelha, a correr a pista sobre o dorso de "Venus". E mal podia respirar, e parecia que lhe parava o coração. Elle tambem não perdia uma só das grotescas cambalhotas da palhacinha e quando Pat montava aquella mula travessa que disparava com ella aos pinotes e corcovos, achava-a a creatura mais feminina que jámais lhe apparecera na retina.

Bem claro, tinha que ser assim: era apenas questão de tempo.

—Eu não sei como foi! — disse Pat a Papae Tótó, com uma voz que o espanto tornava mais tenue.—E ainda me parece bem extranho que elle me viesse a amar!

— A mim, não me parece nada extranho, — disse Tótó, sorrindo com os labios duros. — E que foi... que foi que elle disse, Pat? Mas vê lá: se preferes não me dizer...

— Não te dizer, a ti, Papae! Pois não és tu o melhor pae, a melhor mãe que eu jámais tive?

Aninhou-lhe no hombro a cabecinha de ouro, e revelou lhe o seu segredo:

— Estavamos passeando nos bosques, e que lindos bosques, Papae! Alamos imponentes e grandes como fadas magnificas, e um arroio a cascatear, ali perto... Dick gravou os nossos nomes n'uma arvore. E foi depois d'isso, foi depois d'isso que...

Engolfou-se-lhe a voz na recordação, e veiu-lhe aos labios um sorriso brando e feliz.

— E então? — perguntou vivamente Tótó, com um supposto ar de vovô mal humorado.

— Então? Então elle beijou-me. — explicou Pat — por detraz do tronco da arvore. — E eu... eu restitui-lhe o beijo. E agora vamo-nos casar, e elle vae escrever á familia...

— A' familia... — repetiu Tótó, e as linhas do seu rosto fizeram-se mais fundas, mais escuras. A sua vida, decorrera toda ali no circo. O cheiro da serragem enchera-lhe as narinas desde os primeiros dias, e o arco da tela fôra o seu primeiro céo. Havia porém outra vida, que elle bem sabia. E a gente de Dick pertencia a essa outra vida, vivia entre quatro paredes, em alguma pequena aldeia buliçosa, aninhada entre os campos tranquillos. Que diriam elles a respeito de Pat? Quem sabe se não iam ser crueis para ella! Quem sabe se não iam dizer — e as mãos se lhe cerravam com força — que ella não era sufficiente para ser mulher do seu filho? ,

Nada, porém, disse a Pat dos seus receios, e nessa noite, na arena, foi mais engraçado do que nunca, teve o povo todo a rir com as suas funambulescas cambalhotas. A "palhacinha" era versada em toda a especie de habilidades, e momentos depois, ao apresentar-se um numero equestre, de um pulo ella galgou o dorso do cavallo branco com o vermelho cavalleiro, cahindo-lhe nessa occasião o barrete, e derramando-se-lhe sobre os hombros, como cascata de ouro, um turbilhão de caracóes.

— Santo Deus, Maria! — exclamou um cavalheiro corpulento e duro, num camarote, com os bigodes agitados num tremor de receio. — Será possivel que seja aquella a pequena?

— Creio bem que sim! — suspirou a senhora empertigada e displicente, a seu lado — Pois elle não nos mandou dizer que era uma palhaça? Meu Deus, uma palhaça!... — prorompeu, numa subita vibração de todo o taffetá que a cingia, a custo, do pescoço aos pés — Imagina se os Dixons vies em a saber!...

— Maluco! — resmungou o pae de Dick — Está... não está... não está nada feio o pequeno naquelle cavallo, hein, Maria? Mas um Beverly, de "maillot"! Intoleravel! Temos que o levar para casa! E sem demora!

— Mas então, teremos que levar a pequena tambem! — disse resignadamente a senhora Beverly. — Pela carta que nos escreveu, Dick está resolvido. Se nós nos oppuzessemos desde já a esse absurdo casamento, era contar que elle a levaria amanhã, á presença do pastor! Fingiremos consentir. Levamos a pequena comnosco, e mandar-lhe-emos dar modos de gente civilisada. Creio, porém, que, daqui a poucos mezes, Dick reconhecerá elle proprio o absurdo de semelhante casamento!

E assim foi feito.

— Escrever-te-ei todas as semanas — disse Pat a rir, encarapitada na ponta dos pés, a beijar a retorcida bocca de Tótó, agora mais retorcida e extranha do que nunca. — A mãe de Dick vae fazer de mim uma senhora; mas nunca me esquecerei do circo, e o meu primeiro filho ha de chamar-se Tótó, como tu, papae!

— Não deixes que elles te modifiquem muito, Pat — disse o palhaço, descendo o olhar sobre ella, com a sua eterna expressão de forçado riso—e lembra-te de que não tens nada de que te devas envergonhar, Pat. Tão honroso é ser uma „senhora", como ser um bom palhaço. E' uma bella coisa ser capaz de fazer que os outros riam, esquecidos um momento dos seus desgostos e pezares!

Quem sabe se Tótó não estava emprehendendo a sua propria defesa, de medo que Pat se recordasse delle com repulsa ou desconsolo!

— Pois decerto, — disse Pat — De que é que eu me posso envergonhar?!

As cartas foram a principio transbordantes de uma ventura que mal encontrava tempo para cuidar da pontuação e orthographia. A casa de Dick era linda, a familia delle muito bondosa, elle proprio esplendido. E era esplendido ser amada, esplendido era viver, tudo e todos eram esplendidos. Estava estudando grammatica e uns livros de etiqueta que ensinavam como se devia comer ostras, sorvete, peixe e macarrão, como se devia falar a um sacerdote, como se devia falar ás pessoas reaes, quando se lhes era apresentado. E ella continuava a ser como sempre, a sua, muito amiga, Pat.

Pouco depois, já era Hypatia. A mãe de Dick tinha-a encarregado — escrevia só com um "r" — de pedir a Tótó que só escrevesse em enveloppes em branco, em vez de enveloppes do circo, de modo a não despertar a attenção do director dos Correios. Eram coisas que os outros não tinham que saber, nem saberiam comprehender — dizia a mãe de Dick. Tambem não queria aquella senhora que Pat falasse nunca do circo.

Ella, Pat, não tinha porém vergonha nenhuma de ter pertencido ao circo. Dick, tãopouco. E que bom que era Dick! O homem mais perfeito do mundo, o que explicava a infinidade de convites que elle tinha constantemente. Convites de raparigas, muitas vezes. Havia uma, por nome Violeta Dixon, linda, com uns cabellos negros como a noite! E Pat acabara recommendando muito Mitzi aos cuidados de papae, fazendo-o ao mesmo tempo portador de muitas saudades para a dama gorda e para todos os outros.

Tres mezes depois de Pat ter deixado o circo, as cartas começaram a fazer-se mais raras, e as que vinham referiam-se muito ao estado do tempo, e pouco aos sentimentos de Pat. O tempo, ultimamente, tinha estado sombrio, mas o dia, hoje, estava bonito, um tanto fresco, apenas. Oxalá estivesse bom tempo no logar onde o circo estava funccionando, e que ninguem se houvesse esquecido della! Por sua parte, não se esquecera de ninguem, e ás vezes lembrava-se de como todos haviam sido bons para ella, e dos felizes dias de outr'ora. Dick continuava esplendido, e os paes delle, no dia em que ella completava dezoito annos, tinham-lhe dado, de presente, uma collecção de Jane Austin.

Depois, vieram cartas ainda mais curtas, com um aspecto de curado e triste, com palavras desmaiadas e borrões, e letras tremulas, que traçavam corajosas mentiras. Feliz, em boa verdade, continuava a ser. Não fosse papae Tótó entristecer-se! Sómente, ás vezes, sentia-se um tanto só: Dick estava sempre tão occupado! Que vontade tinha de tornar a ver alguns dos seus velhos amigos!

Muito antes ainda de Papae Tótó ter ido visitar a casa dos Beverley, já a pintara uma residencia enorme, branca e triste, com a maior parte das venezianas cerradas, como se o sol contivesse algum elemento venenoso, que se devesse temer. Muito antes de ver Pat, já adivinhava tambem que lhe haviam de ter desfeito os caracóes da revolta cabelleira, e transmudado por egual a expressão daquella bocca, outr'ora sempre ridente e linda. Mas o que elle não pudera adivinhar era o que seria aquella sensação de a ter apertado ao seu peito, a soluçar, a rir e a tremer nos seus braços!

— Ah, papae, papae Tótó, papae querido — não cessava de dizer. — Não me esqueceste, hein? Eu tinha medo que me tivesses esquecido, que ninguem me quizesse mais!

— Que ninguem te quizesse mais? — fez Tótó, com uma censura na voz, e o riso de sempre no seu rosto batido do tempo — Queremos-te como sempre, meu amor! Vem dahi: volta ao circo, Pat! Volta para a nossa casa.

Ella olhou para elle affectuosamente, e sacudindo a cabeça com desconforto: — A gente de Dick não quer que eu me case com elle.

Falava com calma, mas toldavam-se-lhe as faces de vergonha:

— Não m'o dizem, mas fazem tudo quanto podem para que tal não se dê! Eu iria comtigo agora mesmo, se tivesse a certeza tambem de que Dick já não me quer. Mas amo-o muito e preciso ter essa certeza, Tótó. A's vezes parece-me que elle ainda me quer bem; outras vezes, penso que não. Mas tenho que chegar a estar certa de uma ou outra coisa, comprehendes?

— Olha lá — fez uma edição-miniatura de Dick, sete annos mais ou menos, que de repente appareceu ao lado delles, e se poz a olhar para papae Tótó, esbugalhando os olhos. — Pat, é este o tal sujeito tão engraçado de que me tens falado?

— Este menino é Roddy, irmão de Dick — explicou Pat. — E' a unica pessoa desta casa, de cuja amizade tenho certeza. Roddy e eu treinamos cambalhotas e saltos todos os dias, atraz da estrebaria — não é verdade, Roddy? Este senhor é Tótó, sim, mas desta vez elle deixou a roupa em casa.

— Faça uma graça! — ordenou Roddy bruscamente, com visivel desapontamento.

— Não estou muito disposto a fazer graças agora — disse Tótó — Dispensa-me desta vez, e na proxima visita que o circo fizer aqui á villa prometto fazer-te rir tanto que és capaz de te engasgar!

Roddy observou ainda por algum tempo a sua adorada Pat e aquelle homem, de ar solemne, que ha tanto se conservava calado, e esgueirou-se da sala, sem dizer palavra. Quando voltou um pouco depois, com a roupa um tanto molhada, mas empunhando triumphalmente um jarro de limonada, os dois continuavam a conversar, tal e qual como se *elle* — reflectiu indignado — como se elle não estivesse ali.

— Fiz-lhes um bom refresco — disse Roddy, apresentando um copo pegajoso — Mamãe disse que, uma vez que eu e Pat não tinhamos sido convidados para a festa a que elles foram, podiamos beber limonada, para nos consolarmos.

Distrahidamente, Tótó e Pat pegaram nos copos que a criança lhes offerecia e beberam. Hospitaleiro e cada vez mais salpicado de limonada, Roddy tornou a encher os copos, depois do que, com um clarão de esperança nos olhos, sentou-se e poz-se á espera...

Por misericordia de Deus, era vaga a recordação de Pat sobre o que occorrera na hora seguinte. Reflectindo, recordava-se de que, de repente, ella e Tótó tinham ficado numa alegria turbulenta, e se tinham posto a cantar e dansar defronte de Roddy, embevecido, terminando por dar saltos mortaes em plena sala, por entre as cadeiras, atiradas a esmo, aqui e ali. Lembrou-se tambem, com um arrepio de zelo, da surpresa que se reflectiu no rosto livido de Dick, do pasmado horror, do ennojado tedio, com que os velhos Beverlys, á porta da sala, tinham assistido a todas aquellas tropelias e cambalhotas. Tentara ainda falar, explicar, mas não conseguira senão rir, rir e mais rir, desabaladamente.

E elles tinham então dito coisas horriveis, haviam declarado que ella era a sua

(Termina no fim da revista)

As ondas de amor
"Des Lebens und der Liebe Wellen"

Drama em 6 partes da Fern Andra Film, de Berlim — Direcção scenica de Georg Bluen — Producção de 1921—1922

Numa das ruas obscuras da capital, onde vive escondida da luz da realidade e da verdade a gentalha, tambem vive Fern, que é a pupilla de um casal que se tornou dono de uma taverna, sem poder explicar como, e que se aproveita dos traços de belleza da encantadora criança, para com a sua exploração augmentar o seu capital.

Debaixo de uma atmosphera de terror, ella aprende toda sorte de jogos, afim de poder fazer de parceiro em bancas diversas e assim furtar aos incautos que ali entram para passar horas de alegria. Comtudo isto ainda não é o peor! A infeliz criança, cheia de pavor, em horas adeantadas da noite, ainda é obrigada a agradar á freguezia duvidosa que entra ali, levada por atracadores, e a esta especie de gente vasculejada das penitenciarias tem ella que agradar, fazendo cumprimentos e mostrando as suas formas ainda em puberdade, para saciar a monstruosidade daquelles typos horripilantes que ali entram e não ha defesa nem negativa de sua parte que a privem de se apresentar a elles como o exigem seus paes adoptivos.

Certa noite entra na taverna um aventureiro da peor especie, e que fôra em tempos idos um dos "habitués" da miseravel taverna. E' elle levado ali pela sua pessima situação financeira, afim de ver se com o ultimo dinheiro que conseguiu tirar da sua amante, póde aventurar a sorte no jogo, pois a felicidade, que o cercara durante algum tempo, o abandonára completamente nas suas ultimas aventuras.

O todo de Fern e a sua precisão em attender ao jogo, ao modo de segurar as cartas e em saber fazer os jogos falsos impressionaram bem o novo hospede, que começou desde logo a se interessar pela encantadora rapariga. Junto dos proprietarios da taverna encontrou logo guarida para seus planos e os convenceu de que a levaria para uma escola de dansa, onde a mandaria aperfeiçoar-se na arte, o que naturalmente enthusiasmou bastante os paes adoptivos de Fern.

Foi, no emtanto muito curta a illusão de Fern, no que diz respeito á sua nova vida, pois dentro em pouco verificou que differenciava sómente apparentemente daquella que ella levára até então.

Levada por uma velha artista.

A reconciliação no Hospital.

Verdade era que agora vestia bellas toilettes, morava nos primeiros hoteis e tomava as refeições nos restaurantes de primeira ordem; mas, tudo era fantasia. A' noite, obrigada por Holtens, ella era forçada a frequentar casas de jogo e a seduzir com sua belleza os cavalheiros que della se approximavam, afim de em jogos irregulares lhes tirar tanto quanto possivel das algibeiras. Mesmo quando em casa, ella soffria pelo ciume da amante de Holten, que a julgava capaz de lhe tirar o amante, a quem ella sacrificára a sua mocidade.

Fern não tinha no mundo ninguem a quem pudesse confiar os dissabores da sua infeliz vida e junto de quem pudesse buscar protecção contra as suas desventuras. O unico logar onde ia em busca de alento era a egreja, pois ali era tambem o unico logar onde, com suas lagrimas, encontrava lenitivo para sua alma sacrificada.

Certo dia, quando confiava aos pés de Nossa Senhora os dissabores de sua vida, ella viu o conde Valori, que admirava os custosos objectos que a linda cathedral albergava.

Excusado é dizer que o joven conde se apaixonou immediatamente pela belleza da linda Fern, que, viu orando, amargas lagrimas rolando-lhe pelas faces.

Não foi pequena, no emtanto, a surpresa do joven conde, quando, á noite do mesmo dia, viu a encantadora joven sentada á mesa de jogo de um dos Casinos da capital. Com facilidade a sua experiencia na vida conseguiu desvendar todo o mysterio, e logo que ella deixou a sala de jogo a seguiu e ainda lhe deu opportunidade o momento para que elle evitasse a sua prisão, como cumplice, pois seus detentores já haviam sido presos por estarem furtando no jogo de "baccarat" que ali se fazia.

Uma paixão sincera nasceu então em Valori e dentro de pouco tempo, no commum convivio elle verificou que não destinava suas horas a creatura não merecedora de sua compaixão. Finalmente, os

(*Continúa no fim da revista*).

A vida no lar...

DISTRIBUIÇÃO

Barão de Holten . .	Leopold von Ledebur.
Sua amante	Toni Terzlaff.
O dono de uma taverna duvidosa . .	Emil Stammer.
Sua mulher	Lene Voss.
Fern, pupilla de ambos	FERN ANDRA.
Conde Valori	Erling Hanson.
Seu secretario . . .	Heinz Sarnow.
A condessa do alcool	Margarete Kupfer.
Um jogador	Gustl Beer.
O velho criado . . .	Hermann Zimmerman..
Um artista	Elie Leonhardt.
Um director de circo	Hans Gleissner.

Corpo de baile, publico, artistas e gente de circo.

Mãe e filho...

O HOMEM QUE TINHA TUDO QUANTO QUERIA

(THE MAN WHO HAD EVERYTHING)

Film Goldwyn — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Henry Bullway . . .	JACK PICKFORD
Prue Wynn.	PRISCILLA BONNER
Mark Bullway . . .	Lionel Belmoree
Mutt Sills.	Alec B. Francis
Lenore Pennell . . .	Shannon Day
Joel	William Machin
Percival Higden. . .	Lucian Martines
Bill.	Carl Girard

OPINIÕES DA CRITICA

Interessante e instructivo
Moving Picture World

Deve satisfazer a toda gente
Exhibitor's Herald.

Poucos films terão um fundo tão moralisador como este
Exhibitor's Trade Review.

— Vi agora o teu filho, Marcos, quando atravessei a rua Direita. Com quantos annos está elle ?

Mark Bullway, presidente do Banco Nacional dos Lavradores, o homem mais rico da cidade de Lancaster, levantou os olhos com interesse para a pessôa que lhe fazia a pergunta, e respondeu :

— Harry acaba de fazer vinte e tres annos. Um bello rapagão para a sua idade, não é verdade, Joel ?

Joel Madison, que fôra contemporaneo de Mark Bullway e ha mais de trinta annos era seu amigo, desviou os olhos para o amplo janellão do escriptorio particular do seu amigo, e poz-se a observar o movimento da rua ,sem responder palavra.

— Mas que é isso ? Porque não respondes ? Perguntei-te se não achavas Henry um bello rapagão para a sua idade, e não disseste nada ! Porventura não concordas commigo ?

— Estava reflectindo — respondeu Madison lentamente — se me poderia fiar da nossa amizade, da estreiteza das nossas relações commerciaes, para te dizer com franqueza o que penso a teu respeito, e a respeito do teu filho. Posso estar certo de que não tomarás á má parte aquillo que eu te disser ?

— Concluo, do tom em que estas fallando, que tu, por qualquer motivo, não approvas o modo de proceder de Henry, e que me responsabilisas pelo que porventura nel'e encontras de censuravel. Pois não é isto ? — perguntou o sr. Bullway.

— E' isso mesmo, — respondeu Madison.

— Pois bem : dize-me o que achas que censurar em Henry, e porque me responsabilisas pelo que nelle observas de mau.

— Sei como lhe queres bem, Mark, e tenho medo de que, se eu o criticar severamente, isso possa originar uma quebra das amistosas e muito gratas relações que temos mantido desde o nosso tempo de rapazes.

O sr. Bullway esteve um momento calado, e ficou-se a meditar, soprando ás baforadas o fumo do seu charuto. De repente, voltou-se para o seu velho amigo, e disse-lhe ;

— Do que deixaste comprehender concluo claramente que observaste em Henry alguma coisa que merece censura, — disse. — Como porém sei que és meu amigo e que tudo quanto dissesses o dirias com sinceridade, e não com o intuito de me ferir, creio que me seria agradavel ouvir as tuas opiniões. Sabes o que diz o poeta escossez : "Dessem-nos os Deuses o condão de nos vermos, a nós mesmos, como os outros nos veem !". Acho portanto que será util e interessante ouvir o que tens a dizer.

— Estás certo de que não te zangarás, diga eu o que disser, Mark ? — perguntou gravemente o sr. Madison.

— Não, de modo algum. Sei quaes são os teus sentimentos para commigo, e sei portanto que, se fosse possivel, ninguem pensaria em mim e aos meus com mais sympathia do que tu. Se Henry tem alguma coisa que mereça censura, na sua opinião, muito mais ha-de por certo merecer essa censura, na opinião dos outros. Portanto despeja o teu sacco sem receio, meu velho. Estou prompto a ouvir-te, — respondeu o sr. Bullway.

Animado por essas palavras, o Sr. Madison tirou o charuto da bocca, e no tom de quem antecipadamente procurasse excusar-se disse por fim :

— O que eu acho mais lamentavel em Henry é elle estar ficando um vadio, um ente inteiramente inutil. Em primeiro logar nunca trabalhou um só dia a sério em toda a sua vida, e, o que é peor, olha com desprezo para os pobres, homens honestos que têm que trabalhar para viver. Como tu bem sabes, ha dois annos foram obrigados a expulsal-o da Universidade, e de então para cá, que tem elle feito ? Vadiar aqui e alli, por toda a cidade, entregar-se a todas as formas de dissipação mais tolas, para não dizer mais repulsivas ! Quando ha poucas horas o vi, estava postado a uma esquina com essa moça, mais que duvidosa, com quem elle anda ha poucos mezes. Sabes a quem me refiro ? A essa mulher que dá por nome Lenore Pennell. Bello exemplar de mulher, para ser frequentada por um individuo que se respeite !... Se elle se mettesse com alguma rapariga direita, como, por exemplo, Prue Wynn, a tua secretaria, não haveria nada que dizer ! Ahi está uma rapariga de quem qualquer pae se orgulharia de ser sogro ! Viva como um chicote, tenaz, industriosa, cheia de ambição, meiga e pura, suave e sã como uma brisa de montanha ! Vê lá se Henry se aproveita da situação para cultivar-lhe a sociedade ? Isso sim !... Com quem elle se faz ver, em pleno sol meridiano, á esquina de uma das ruas mais frequentadas da cidade, é com essa moça que faz timbre em vestir-se e preparar-se como uma d'essas actrizes que representam no cinema o papel de "mulheres fataes !" Presumo que, se essa pequena só tivesse de máu o aspecto externo, já a coisa seria lamentavel; mas o peor é que o seu caracter é tão máu como o seu aspecto ! Aqui mesmo na cidade não é raro vêl-a em publico, a fumar cigarros, a beberricar "cocktails" : sabe Deus o que ella não fará em logares onde os seus actos não possam ser tão amplamente observados ! E a culpa é tua, só tua, que deverias chamar severamente á ordem o teu filho, e fazel-o trilhar pelo bom caminho !

— Pois, meu caro Joel, — respondeu tranquillamente o Sr. Bullway, com uma patente expressão de allivio na voz. — O teu libello contra Henry não foi afinal, nada esmagador ! Disseste que elle não trabalha, mas isso afinal, neste caso, não chega a ser occupação nenhuma, pois, rico como é o pae, o filho não tem necessidade de trabalhar. Viste-o fallar com uma mulher pintada, uma mulher do typo que attrãe todos os rapazes, como nos attrahiu á nós proprios, quando tinhamos a idade delle. Não me apresentaste Henry, nem como um assassino, nem como um ladrão : a maior culpa que conseguiste attribuir-lhe foi a de não trabalhar e gostar de divertir-se. Devo dizer-te portanto que as tuas censuras me deixaram inteiramente alliviado, pois francamente cheguei a pensar que na realidade se tratava de alguma cousa grave e de importancia !...

— Não achas então gravidade nenhuma em ver um rapaz, sob o testemunho dos teus olhos, desviar-se para a vadiagem e para a dissolução? Achas que está bem que o pae de um rapaz lhe satisfaça todos os caprichos e venetas, sem se preoccupar de lhe formar o caracter que o orientará na sua vida futura ? Está bem : mas ainda ha uma cousa a que antes não alludi, para não te offenderes. Uma vez porém que te vejo disposto a considerar com tão grande benevolencia o procedimento de Henry, quero perguntar-te se sabes que

Essa mulher, Lenore Pennell.

Creio que uma bagatella...

Chegou a animar o proposito...

elle deu ultimamente para se embriagar? — allegou Madison, acaloradamente.

— Tolices! E 'verdade que uma ou duas vezes elle tomou um copo mais do que devia; mas que tem isso? Lembras-te de Belly Robins, que foi nosso contemporaneo na Universidade? Pois bem, já nesse tempo elle bebia. Depois que se formou persistiu no vicio, até chegar ao ponto de consumir um bom quartilho de "whisky" todos os dias. Com tudo isso tem hoje uma fortuna de mais de tres milhões de dollars, toda ella ganha pelo seu trabalho e pelo seu esforço. Soubesse eu de que marca era o "whisky" que lhe deu tão bom resultado, e eu o beberia tambem! Não, Joel, um rapaz não se perde lá porque de vez em quando carrega o copo um pouco mais. Henry é rebento de bôa arvore, não achas? Pois bem deixa-o crescer e verás que elle proprio se porá no bom caminho e se tornará para mim um motivo de satisfação e orgulho! — respondeu Bullway.

— Não, se continuares a lisonjear-lhes os habitos de ociosidade, se por ti mesmo o fizeres um gastador, tal nunca succederá, — respondeu Madison com firmeza.

— Um gastador Henry? Qual, tu fallas sem saber, Madison!

— Não, meu amigo. Tu é que pensas que eu não sei, mas eu sei. Dás-lhe uma mezada superior á importancia com que eu mantive mulher e tres filhos, até abrir caminho no mundo. Deste-lhe de presente um carro carissimo, e perigosamente veloz. Compraste-lhe um bull-dog terrivel de que elle se serve para mutilar e matar todos os outros cachorros da cidade. Chegaste ao ponto de lhe fornecer dinheiro para elle comprar joias de preço para a tal sujeita! Será isto modo de educar um filho?... O que mais parece, meu amigo, é que procedes como se quizesses fazer delle um criminoso! Francamente, até devias ter vergonha! — concluiu Madison arrebatadamente.

— Não te exacerbes, Joel. Que mal ha em que um pae que dispõe de recursos dê ao seu filho meia duzia de cousas que elle tem desejo de possuir? Lembro-me bem de que, em rapaz muitas cousas desejei, de que tive de privar-me, e seria uma tolice que, dispondo de dinheiro, como hoje disponho, deixasse o rapaz á mingua d'aquillo que lhe dá prazer possuir!

— Muito bem, Mark. Faze o que entenderes. Vejo que é inutil continuar a discutir comtigo. Só quero estar illudido; mas receio muito chegue o dia em que tu te arrependas do modo como descuraste os teus deveres para com teu filho. Só te fallei d'este modo porque quero bem a Henry, e porque não quero que, no dia em que as cousas chegarem ao peor, te queixes de que eu não te aconselhei.

— Não; medo de que elle faça alguma cousa mal feita eu não tenho. Elle sabe quanto o prezo, e sei que a amizade que elle me tem não lhe permittiria fazer fosse o que fosse que me causasse desgosto, — respondeu o Sr. Bullway, rapidamente.

— Está bem. Oxalá tu estejas com a razão, e eu sem ella. O tempo o dirá. E por agora, adeus. Não me queiras mal pelo que eu disse, pois só me inspiraram a fallar os melhores motivos, meu amigo, — disse o Sr. Madison levantando-se e estendendo a mão a despedir-se.

— Nada disseste que me pudesse ferir, Madison. Ficaste apenas um pouco nervoso, porque já julgas que o filho do teu amigo está a despenhar-se no abysmo, e naturalmente, pelo teu bom coração, o queres desviar do perigo, — disse Mark Bullway, apertando calorosamente a mão do seu velho amigo.

Pouco tempo depois de se retirar o Sr. Madison, o Sr. Bullway recebeu em seu escriptorio a visita de seu filho Henry. O mancebo, vestido em todo o rigor da moda do anno, penetrou no gabinete do pae como um cyclone, e annunciou a sua approximação, gritando com toda a força:

— Papae, velho ermitão! Prepara-te para receber uma visita!

Ao som da voz do filho brilhou nos olhos do velho um clarão de alegria, e levantando-se logo dirigiu-se para a grade que fechava a entrada do seu gabinete particular. Mas, antes que elle lá chegasse, Henry, de um pulo, já a tinha saltado. Com um affectuoso sorriso, o pae estendeu a mão ao rapaz; mas Henry recusou o gesto paterno e retribuiu-o com um cumprimento seu. Esse cumprimento comprehendeu um guincho, um esgare grotesco, e logo depois Henry, segurando na bengala, á laia de taco de bilhar, poz-se a visar o terceiro botão do collete do pae. Repetidas vezes, sob o olhar indulgente do Sr. Bullway, o mancebo repetiu a manobra, com a mesma gravidade que empregaria para fazer aguma cousa a serio.

Finalmente fartou-se da sua maluquice e fez de conta que estava vendo nessa occasião o pae pela primeira vez.

— Allô, papae? D'onde é que tu sahiste? — disse com fingida surpresa.

— Do vacuo, com certeza, — disse o Sr. Bullway, divertido com as facecias do joven. Depois collocando-lhe a mão, affectuosamente, sobre o hombro: — Que te traz por aqui? Tiveste saudades de mim, e vieste ver se eu ainda estava vivo e são, — não é verdade?

— Em parte foi isso, — disse Henry, — em parte vim tambem tratar de um negocio comtigo.

— De um negocio? — repetiu o Sr. Bullway. — Essa é boa! Que diabo de negocio é que tu podes ter commigo?

— Ah, apenas isto: preciso de dinheiro, e vinha vêr se tinhas algum que me desses, — replicou Henry.

— Tenho de facto algum, mas porque? — perguntou o Sr. Bullway.

— Queria ver se podia negociar comtigo um emprestimo, — disse Henry a rir.

— Um emprestimo estrictamente commercial? — perguntou o Sr. Bullway para mexer com o filho.

— De certo, senhor. O mais commercial possivel. O senhor bem sabe que, em commercio, sou escravo sempre das mais severas normas, — respondeu o mancebo com a presteza que seu pae apreciava tanto.

— Pois bem, senhor: creio que o poderei servir se o negocio fôr estrictamente commercial, como diz. V. Ex. de quanto precisa para a empreza que tem em mente? — perguntou o Sr. Bullway com voz solemne.

— Creio que uma bagatella de mil e quinhentos dollars seria sufficiente, — respondeu despreoccupadamente Henry.

— E posso saber em que especie de empreza vae ser esse dinheiro empregado? — perguntou o Sr. Bullway, um tanto surprehendido pelo vulto da promessa.

— Dei em penhor a minha honra de cavalheiro, e tenho de resgatal-a, — replicou o joven esperançado.

— Ah, comprehendo. E posso saber de que modo empenhou a sua honra, as circumstancias da transacção, o modo como projecta resgatar o artigo de alto valor que deu como penhor? — insistiu o Sr. Bullway.

— Dei a minha palavra a uma senhora que lhe compraria uma joiazinha insignificante. Essa senhora é sua conhecida: o seu nome é Lenore Pennell. E' ella que reina soberana em meu coração... Pois bem, a essa rainha do meu coração prometti um pequeno collar que está na vitrine de um joalheiro, aqui na vizinhança. Custa essa teteia a quantia de mil e quinhentos dollars; é tal a somma que desejo me seja emprestada, em condições estrictamente commerciaes.

— E que garantia pretende offerecer a esta casa, pelo emprestimo, caso nós annuisse-mos em fazer-lh'o?

— Pretendo offerecer-lhe a minha palavra de que o pagarei... algum dia.

— Dá-nos então a sua palavra de que algum dia nós pagará, não é verdade? E o senhor acha que essa garantia basta para que lhe façamos tão avultado emprestimo? — persistiu o Sr. Bullway, como um banqueiro que discutisse uma transacção.

— A minha palavra vale mais do que qualquer penhor que deixasse em suas mãos, senhor, — replicou Henry com pretensa dignidade.

— Mas como eu sei que o senhor não tem penhor algum a dar-me, a sua palavra tambem de nada me serve!

— Queira desculpar-me, senhor. Que foi que disse? —perguntou Henry, fingindo não ter ouvido o que dissera o banqueiro.

— Disse que teriamos muito prazer em supprir-lhe o dinheiro, mediante uma nota

A toilette de Lenore

O despertar do ocioso

Tinha tudo quanto queria...

de seu punho, vencivel no dia do juizo final, — respondeu o Sr. Bullway tocando uma campainha para ordenar que um empregado lhe trouxesse o dinheiro desejado por Henry.

— Terei o maior prazer em lhe passar uma letra, pois sou extremamente escrupuloso nestas cousas commerciaes, — respondeu Henry, pegando no bloco de letras promissorias que o pae lhe apresentava. E, gravemente, encheu uma das letras, compromettendo-se a pagar a somma emprestada tres dias depois do juizo final.

Ao tempo de Henry acabar de encher a sua letra, o empregado voltou com a somma pedida, que o Sr. Bullway contou nas mãos de seu filho. Henry, depois de verificar por sua vez se o dinheiro estava certo, levantou-se, e, com uma sobranceira despedida a seu pae, sahiu do escriptorio para ir ter com Miss Pennell que o esperava na ante-sala de uma joalheria proxima.

Ao passar através os escriptorios de seu pae, Henry pousou os olhos na modesta figura de Prue Wynn, á secretária de seu pae, a quem conhecia desde creança. Era uma linda e galante rapariga, o typo inteiramente opposto de Lenore Pennell. Amava-o desde que começara a trabalhar ali; doia-lhe vel-o desperdiçar a vida, vel-o malbaratear o seu tempo em companhia de uma mulher de tão má reputação, mas, a unica cousa que podia fazer era rezar a Deus, dias e noite, para que o fizesse reconhecer o máo caminho por que ia. Henry admirava a delicada menina, mas não lhe solicitava a companhia porque a julgava por demais prudente e reflectida nos seus actos para um extravagante, um turbolento irrefreavel como elle.

Chegando proximo á escrivaninha de Miss Prue, deteve-se um momento, e sorrindo-lhe disse:

— Como estás? Sempre firme no teu proposito de fazer o chefão cada vez mais rico, — hein?

— Sim, sempre, e nem tu imaginas como isto me diverte, Henry. E' uma pena que você não se disponha um dia a trabalhar aqui tambem. Tenho a certeza de que se experimentasse nunca desistiria de uma occupação tão interessante, — respondeu Prue.

Henry respondeu com uma expressão que denotava bem a repulsa que a idéa lhe causava e logo se despediu; levando a mão ao chapéo, sahiu ás pressas.

Henry fazia annos poucas semanas depois de pedir os mil e quinhentos dollars a seu pae, e o Sr. Bullway, doido por elle como era, annunciou que celebraria a data, dando uma festa em honra de seu filho. Henry mostrou-se muito grato pela attenção paterna, e logo, de accôrdo com as indicações do velho Bullway, começou a expedir convites aos seus amigos. Toda a semana anterior á data festiva, a casa esteve cheia de decoradores e armadores, empenhados em alindar, e engalanar a residencia do millionario para o dia da festa. Por fim, chegou o grande dia e logo de manhã, Henry sahiu de casa e partiu para ir buscar Miss Pennell e algumas das suas amigas, as quaes fazia questão que figurassem entre os presentes.

A's 4 horas da tarde começaram a chegar os primeiros convidados, que se foram espalhanlo pelos vasos gramados, em redor do palacete. Henry, que devia estar presente para receber os seus convidados, ainda não voltára, mas o pae justificoulhe a ausencia e fez as honras de casa, em vez do filho. Soaram cinco, seis horas, e Henry permaneceu invisivel.

O jantar estava marcado para ás sete horas, e sete horas soaram sem que Henry houvesse apparecido.

O Sr. Bullway começou então a recear pela segurança do filho. Os convidados tranquillizaram-n'o, dizendo que o rapaz se encontrava com certeza com alguns amigos e que estes o haviam provavelmente convidado para celebrar o acontecimento. Não se demoraria a chegar, e, com explicações, justificavam amplamente a sua demora. A's oito horas, o chefe da casa que se encarregára do banquete declarou ao Sr. Bullway que se não responsabilisaria por elle se houvesse maior demora, e assim foram dadas ordens para servir o jantar immediatamente.

Os convidados, que a esse tempo estavam mortos de fome, obedeceram pressurosos a ordem de passar á sala de jantar, e em breve se esqueceram de Henry e de sua ausencia, absorvidos pelo gozo de ingerir as preciosas iguarias que lhes offerecia o Sr. Bullway. Não lhes foi dado entretanto esquecer Henry por muito tempo, pois estava-se apenas servindo o segundo prato quando se produziu á porta um alarido tremendo, e os convidados, desviando os olhos nessa direcção, avistaram Henry que entrava pela sala, cambaleando, á frente de um grupo de enthusiasmados e barulhentos amigos.

O aspecto de Henry não permittia duvidas de que elle estava embriagado. Tão embriagado que em pouco tempo não poude dar nem mais um passo e foi preciso que o carregassem para o leito. Esse incidente, como bem se calcula, prejudicou o jantar por completo e fez com que os convidados se fossem retirando, muito antes da hora em que a festa devia terminar.

Depois que o ultimo d'elles partiu, o Sr. Bullway recolheu-se á bibliotheca, inteiramente humilhado pela vergonha com que seu filho acabava de cobril-o. Comprehendeu então o fundamento de quanto Madison lhe dissera, e o seu sabio aviso de que havia de chegar um dia em que elle se arrependeria da sua fraqueza, da sua loucura em satisfazer todos os caprichos de seu filho. Naquella mesma hora assentou empregar todos os esforços para corrigir o seu grande erro, e sem rancor contra o seu filho se recolheu aos seus aposentos, pois se considerava o unico responsavel pela situação em que se achava o mancebo e aquillo a que elle havia chegado.

No dia seguinte, Henry teve o pudor de se mostrar muito triste e envergonhado do seu procedimento, e seu pae de tal modo se emocionou ante o pezar do rapaz que resolveu não ir nesse dia ao seu escriptorio e ficar em casa a fazer-lhe companhia.

No correr do dia, Henry propoz ao pae irem dar um passeio de automovel, e o Sr. Bullway, reflectindo que depois do excesso a que o mancebo se deixára arrastar na noite anterior, isso só lhe podia fazer bem, annuio ao alvitre.

Seguiram suave e confortavelmente até penetraram na parte commercial da cidade, onde o movimento era bastante difficil. Ahi Henry tinha que pôr muito sentido na direcção do carro. Infelizmente, ainda que procedendo com a maior pericia, não logrou evitar um pobre cego que tentava atravessar a rua. Merce de Deus o ceguinho não se machucara seriamente. Henry saltando lestamente do carro, conduziu-o para o passeio, mas ahi o censurou acremente pela sua imprudencia em atravessar uma rua movimentada como aquella, sem se fazer acompanhar por alguem. O cego, que era uma figura popular naquelle bairro, deu-lhe ouvidos por algum tempo, mas logo depois, voltando-se para elle, disse-lhe:

— Basta de predicas e de censuras! Se houve culpa, foi sua e não minha. Mas eu conheço-o: o Sr. é Henry Bullway, e cego que sou, vou lançar-lhe uma praga, sabe?

E recuando, horrorisado, Henry ouviu pasmado as palavras impressionantes do velho:

— A minha praga, rapaz, é que tu tenhas sempre mais do que precisas!

Henry pulou para o seu automovel e afastou-se aliviado das suas apprehensões e certo de que o cego estivera apenas a gracejar com elle. Mas o pae não tomou tão pouco a sério como o filho a praga do velho; pensou nella longamente, e revolveu-a em sua mente, até que por fim comprehendeu que bem triste ha de ser o homem que tem ao seu alcance tudo quanto quer. Essa reflexão plantou-lhe no espirito o germen de uma idea.

Talvez que dando a Henry tudo quanto elle queria, o rapaz viesse a reconhecer a tempo quanto aquella vida era monotona, sentir que deixando que outra pessôa o supprisse de quanto precisava, estava subtraindo á sua existencia toda a especie de interesse. Quanto mais o Sr. Bullway reflectia nessa idéa, mais a foi achando de seu gosto, e assim, desse dia em deante, se tornou ainda mais generoso para com Henry do que jámais fôra até então.

Se Henry desejava qualquer cousa, bastava-lhe manifestar o desejo, e immediatamente seu pae providenciava para que elle fosse satisfeito.

O Sr. Bullway chegou a animar o proposito externado por Henry de se casar com Lenore Pennell, e foi mesmo ao ponto de declarar que a dotaria com um milhão de dollars, caso Henry a desposasse.

Mas Henry, depois de desfructar algum tempo a generosidade de seu pae, começou a enfastiar-se della.

A vida pareceu-lhe inteiramente vazia. Tudo lhe era facil, não havia aspiração que logo não lhe fosse satisfeita ao menor indicio do seu desejo. Ouvia os seus amigos dizerem que "o melhor da festa é esperar por ella" e pela alegria que elles manifestavam ao alcançar coisas por que haviam esperado e lutado, ajuizava da alegria que dessas mesmas cousas elles tiravam. Finalmente firmou-se no seu espirito o proposito de só obter fosse o que fosse pelo seu proprio labor, de se dar o prazer de vencer as difficuldades que se lhe deparassem. Mas não lhe occorria ninguem com quem pudesse conversar da sua idéa. Um dia porém encontrou Prue Wynn na rua, e num desabafo de consciencia, confessou-lhe qual o seu novo programma de vida. Com grande pasmo de Henry, Prue mostrou-se contentissima:

— Ah! se tu fizeres isso, Henry! Tenho a certeza de que te sentirias bem mais feliz. Eu sempre disse, de mim para mim, que tu eras bom demais para te tornares um parasita de teu pae! Tu és tão bom quanto qualquer outro homem, e igualmente capaz de romper caminho por ti mesmo. Persiste pois na tua idéa, e assim mostrarás a uma porção de gente que faz pouco de ti, que tu não és o que elles pensam!

Muito impressionado pela opinião de Prue, Henry dirigiu-se ao escriptorio de seu pae.

Sentado á sua secretária, teve com elle uma longa conferencia, durante a qual lhe

(*Termina no fim da revista*).

ESPOSA TEMPORARIA

(HIS TEMPORARY WIFE)

Film Hodkinson — Producção de 1919

DISTRIBUIÇÃO

Annabelle Rose . . .	RUBYE DE REMER
O juiz Latton . . .	Edmund Breese
Arthur Elliott . . .	Eugene Strong
Verna Devore . . .	Mary Roland
Howard Elliott . . .	William T. Carleton
Leonard Devore . .	Armand Cortes

OPINIÕES DA CRITICA

Mantém o interesse do espectador até o fim.

Moving Picture World.

Conforme o espirito de cada um, agradará ou não.

Motion Picture News.

Interessante como todas as historias que têm por typo a "Gata Borralheira".

Exhibitor's Trade Review.

Um pouco monotono, por deficiencia de direcção.

Exhibitor's Herald.

— Diz a senhora que jámais praticou de enfermeira? — perguntou o medico, considerando Annabelle Rose, gravemente.

— Nunca, infelizmente! Sempre tive, entretanto, grande sympathia pelos que estão doentes, e creia que me esforçaria muito por cercar de conforto o seu cliente, se me viesse a caber o emprego — respondeu pressurosamente a moça.

— Gosto do seu aspecto e estou convencido de que a senhora daria muito boa conta de si; hesito, porém, um tanto em pôr esta occupação a cargo de uma pessoa sem pratica alguma — disse o doutor, pensativo.

— Está bem, senhor. Uma vez que assim é, não insistirei em obter o logar. O senhor tem sido tão amavel em procurar collocar-me que de modo algum eu desejaria ser-lhe causa de quaesquer contrariedades futuras. Muito grata á sua bondade. Bons dias. Até depois..

— Espere... Espere um momento, miss Rose. Agrada-me essa sua attitude e vou-me arriscar: o emprego é seu! — exclamou subitamente o medico.

— Ah! muito agradecida! Estou tão contente! E quando quer que eu principie a trabalhar? Que é que terei que fazer?

— Apresentar-lhe-ei o seu doente esta noite. E' o senhor Howard Elliot, um ancião muito rico e que soffre de uma molestia cardiaca, de homem rico: a "angina pectoris". Se bem que todos os seus outros orgãos estejam sãos, a sua situação é grave. A menor excitação pode ser-lhe fatal, e o infeliz tem um filho que o está constantemente incommodando com as suas leviandades, de modo que o pobre velho precisa ser objecto das maiores attenções. A senhora deverá proteger o seu doente contra todas as causas que o possam excitar, e fazer quanto estiver ao seu alcance por que elle se conserve quieto e calmo. Se elle se tornar nervoso ou se o seu coração se tornar agitado, terá que lhe administrar um remedio que lhe vou dar, e mandar-me chamar immediatamente. E agora pode ir á casa: faça os seus preparativos e venha aqui ter commigo, em sendo sete horas da noite.

— A's sete em ponto estarei aqui.

Annabelle Rose era filha de um homem que ganhára muito dinheiro, mas que o gastára com a mesma rapidez com que o ganhára. O sr. Rose morrera subitamente, um anno antes, e deixára quasi sem recurso algum a sua pobre filha, ha muito privada de mãe. Acostumada a todos os confortos e luxos, e sem preparo para trabalho algum com que pudesse grangear um salario, a situação de Annabelle era extremamente difficil. Num esforço desesperado de encontrar emprego que lhe permittisse custear a sua subsistencia, Annabelle Rose experimentára diversas occupações "senhoris" e verificára serem ellas muito satisfactorias, no que tocava ao decoro, mas nada animadoras como meio de ganhar dinheiro. E começou a ver que acabaria por ser obrigada a sujeitar-se a algum trabalho brutal para poder viver. Encontrára depois o annuncio de um celebre clinico reclamando os serviços de uma moça de esmerada educação, para servir de enfermeira e immediatamente solicitára esse emprego.

Pontualmente, ás sete horas da noite, Annabelle voltou ao gabinete do medico, com elle tomou logar no automovel que os esperava á porta, e partiram então para o imponente palacete de Howard Elliot, na Quinta Avenida. A' porta, foram recebidos por um criado que evidentemente conhecia e sympathisava com o dr. Belmore, e que immediatamente os acompanhou á bibliotheca, onde o sr. Elliot os esperava. Era um homem de edade, de sessenta e cinco annos, mais ou menos, alto, com os cabellos grisalhos, de aspecto nobre e distincto. Não fôra a sua grande pallidez e o facto evidente de que elle soffria espasmos de dor occasionaes, não se diria um invalido. Elliot recebeu miss Rose com evidente sympathia, ouviu as palavras com que o dr. Belmore manifestou a esperança de que os seus serviços seriam satisfactorios e assim foi a nova enfermeira acceita sem a menor objecção. O medico retirou-se logo depois de terminada a sua missão.

O sr. Elliot pediu a Annabelle que tomasse logar defronte delle, na mesa a que estava sentado, e depois que ella ali se installou disse-lhe:

— Miss Rose: uma vez que a senhora me vae ter sob os seus cuidados, é necessario que saiba tudo quanto se relaciona com a minha situação. Os medicos dizem que o meu coração está fóra de ordem, e que se eu não tiver muito cuidado, algum dia elle dará conta de mim. Effectivamente creio que o meu coração já não é o mesmo que era no tempo de eu ser moço; mas não é delle que parte a minha principal afflicção. Meu filho, Arthur, a quem a senhora conhecerá mais tarde, tem-me mortificado muito com as attenções que dispensa a uma joven senhora por nome Verna Devore, ligação essa a que me opponho formalmente, porque não considero essa senhora, por mais de um ponto de vista, merecedora das attenções de um homem direito.

Mas sem ligar importancia a nada do que eu digo ou faço, meu filho persiste na sua paixão por essa mulher indigna, e receio muito que elle acabe por casar com ella. Se o fizer, estando eu vivo, sei que isso acabará commigo, e elle terá que carregar na sua consciencia o remorso de haver sido um parricida!

O sr. Elliot deteve-se um momento, e em meio ao silencio que se fez no aposento écoou uma gargalhada alta, numa sala contigua á bibliotheca. Toldou-se de uma nuvem de aborrecimento o rosto do sr. Elliot, e voltando-se para Annabelle pediu-lhe:

— Ouviu, não? Pois bem, aquillo é Arthur e alguns dos seus amigos, inclusive miss Devore e Leonardo, o seu dissoluto irmão. São elles que ali estão bebendo e jogando, fazendo da minha casa um logar de orgia, sem attenção nem respeito nenhum por mim, nem pelo meu triste estado. Meu filho é o culpado da presença dessa gente. Rogo-lhe, miss Rose, que se dirija á porta daquella sala e diga a meu filho que lhe desejo falar immediatamente.

Annabelle atravessou o aposento e bateu á porta. Quasi ao mesmo tempo uma voz de semi-ebrio respondeu do lado opposto:

— Entre...

Annabelle abriu a porta e deparou-se-lhe uma sala empestada de fumo de tabaco, com uma mesa ao centro, em volta da qual uma porção de homens e mulheres se empenhavam numa animada partida. Sobre a mesa havia cartas e montões de dinheiro e ao lado de cada um dos presentes, via-se uma garrafa de champagne com o gargalo mettido num balde refrigerador, cheio de gelo. Quando Annabelle assomou á porta, os que jogavam voltaram-se para vel-a, e um cavalheiro alcoolisado disse-lhe:

— Entra, lindinha, entra! Queres ser a minha mascotte?

Ignorando por completo a chalaça, Annabelle limitou-se a dizer:

— Trago um recado ao sr. Arthur Elliot. Seu pae deseja falar-lhe immediatamente.

Um bello joven, com uma vaga expressão de dissipação no semblante, levantou-se da sua cadeira e disse:

— Ora, esse maluco que não me amolle! Que mais é que elle quer?

Com um rapido aceno de excusa aos que estavam á mesa e um sorriso á formosa mensageira do recado paterno, encaminhou-se para Annabelle e perguntou:

— E então? Que é que papae quer?

— Não sei, sr. Elliot. Mas creio que se o senhor falar com elle, immediatamente, saberá.

Annabelle abriu caminho em direcção á bibliotheca, onde o sr. Elliot continuava sentado, a morder nervosamente a ponta do bigode. Quando Arthur penetrou na sala, o pae fitou-o com firmeza.

— Arthur, vejo que tens ahi outra vez alguns dos teus dissolutos amigos, entre os quaes miss Devore, a quem tanto te tenho supplicado que evites. Porventura não te merece já a menor deferencia o mais simples dos meus pedidos? Não te pedi tambem que supprimisses aqui todo e qualquer jogo de cartas, enquanto eu estivess doente? Rogo-te o favor de pedires aos teus convidados que se retirem, e depois delles se retirarem vem aqui estar uma hora commigo. Creio que não terás por muito mais tempo a minha companhia. Quero, por isso, ter-te ao pé de mim um pouco mais do que te tenho tido, ultimamente.

Um olhar carregado transformou a physionomia de Arthur que, olhando seu pae com um ar de desafio, respondeu:

— Não posso pedir aos meus convidados que partam, depois de os ter aqui, papae. Seria uma cousa sem pés nem ca-

beça! Eram até capazes de pensar que eu tinha voltado a usar fraldas, se eu lhes fosse dizer que meu pae me mandára pedir-lhes que fossem para suas casas, sem esperar que o fizessem por sua livre vontade. Seria uma grosseria! Seria um absurdo!

— Tens razão — disse o pae, abanando tristemente a cabeça. — Creio que os teus amigos extranhariam bastante se tu lhes fosses dizer que, estando teu velho pae doente, havias resolvido suspender por uma noite o jogo de cartas, e consagrar ao ancião, opprimido pela velhice e pela doença, um pouco do teu tempo!

— Mas, papae... Tu tens um modo de dizer as coisas!... — retorquiu Arthur. — Sabes muito bem que não estás esta noite peor do que estavas á noite passada. Entretanto, como se te metteu na cabeça prejudicares o meu divertimento, pintas as coisas, especialmente na presença dessa moça, por forma a me fazer apparecer como um verdadeiro perverso! Mas não penses que desse modo me conseguirás intimidar; tanto assim que vou voltar para junto dos meus amigos, e elles se retirarão quando bem quizerem. Uma vez que o tenham feito, voltarei então para junto de ti, se a essa hora já não te houveres recolhido. Creio, porém, que será já tarde, quando os meus amigos partirem...

— Já sabia que assim resolverias, e não me surprehende o que acabas de dizer. Pouco me importa que os teus amigos fiquem ou partam, mas ha um ponto que me importa e esse temos que o liquidar agora mesmo.

Disse-te que queria que desistisses de Verna Devore, e tu não obedeceste aos meus desejos. Mas fica sabendo que estou resolvido a cumprir a minha vontade. Tu nunca desposarás aquella mulher com o meu consentimento, e se o fizeres nunca terás um ceitil de meu dinheiro, que possas gastar com ella em luxos e frivolidades. O juiz Latton, meu advogado, estará aqui esta noite. Fal-o-ei modificar o meu testamento. O teu nome delle não desapparecerá, mas estipularei uma clausula que só te tornará meu herdeiro no dia em que tu te casares com qualquer outra mulher que não seja Verna Devore. Se com ella te casares, nada te caberá. Reflecte nisto, Arthur e vê se não és tão louco que vás sacrificar a uma mulher indigna de ti, os direitos que te vêm do berço.

Arthur Elliot deu de hombros, apparentando indifferença e com um olhar de escarneo e desprezo retirou-se da sala. Dez minutos depois disso o juiz Latton, velho e dedicado amigo do sr. Elliot, penetrou na sala, e poucos minutos depois estava em consulta com o doente, relativamente ao seu testamento. Depois de quasi uma hora de conferencia, o juiz Latton pegou da penna e traçou um novo testamento, que dois dos criados foram chamados a assignar, como testemunhas. Cumprido o acto, o sr. Elliot queixou-se de estar sentindo-se bem, e annunciou a sua intenção de se recolher. Depois delle se haver recolhido e ter cahido num leve somno, Annabelle deitou-se num divan, numa pequena ante-sala contigua ao quarto occupado pelo doente, e adormeceu tambem.

A uma certa hora da noite, informada por Arthur Elliot de que seu pae de novo ameaçara desherdal-o, Anna Devore, que tinha bebido mais champagne do que devia, resolveu ir falar ao sr. Elliot e demonstrar-lhe que não era o monstro que elle imaginava, que era ao contrario um ente affectuoso e meigo que qualquer homem se sentiria honrado em ter por sua nóra. Debalde Arthur tentou dissuadil-a desse intento. Arrancando-se-lhe das mãos, correu direito ao quarto do doente e acordou-o, sem a menor ceremonia. Despertando subitamente, e vendo sentada á beira do seu leito a mulher que elle abominava, o sr. Elliot encheu-se de colera e de indignação. Desesperado, puxou a corda que accionava uma campainha, a um dos lados da cama, para chamar o copeiro que dormia numa parte afastada da residencia, e quando elle appareceu, ordenou-lhe que expulsasse immediatamente Verna Devore de sua casa.

Assim fez o empregado, e o sr. Elliot cahiu para traz no leito, com o mais forte ataque de coração que jámais havia tido. Nessa altura, Annabelle, já ás voltas com o doente, administrava-lhe o remedio que o medico ordenára lhe fosse dado, e o doente durante certo tempo pareceu corresponder aos seus esforços. No intervallo dessa apparente reacção, o sr. Elliot entregou a Annabelle um enveloppe, dizendo-lhe que era uma pequena missão que desejava ella desempenhasse por elle, mas que não devia abrir aquelle enveloppe, senão sessenta dias depois que elle morresse ou se salvasse. Logo depois, o sr. Elliot voltou a peorar e Annabelle sem demora telephonou ao dr. Belmore que, chegando dentro de menos de meia hora, já encontrou sem vida o desventurado ancião. Depois de verificar á saciedade que não havia nenhuma possibilidade de tratamento para o sr. Elliot, o dr. Belmore voltou-se para Annabelle e perguntou-lhe que causa determinára no doente aquella excitação que lhe provocára a morte.

Annabelle referiu-lhe pormenorizadamente todos os acontecimentos que se haviam passado desde que ella chegára áquella casa, ás primeiras horas da noite, epilogando a sua exposição com a narrativa da entrada de Verna Devore, á força, no quarto do doente. O dr. Belmore, que nutria esperanças de conservar vivo o sr. Elliot por muitos annos ainda, ficou furioso pela opportunidade que lhe escapara de oppor a sua pericia profissional a uma grave enfermidade organica, e bem assim por haver perdido um dos seus mais rendosos clientes. Com grande magua de Annabelle, elle censurou-a pela morte do sr. Elliot, e disse-lhe que se ella tivesse sido mais leal aos seus compromissos e houvesse dormido no quarto do doente, em logar de dormir num divan do contiguo aposento, teria ouvido Verna Devore entrar no quarto e teria tido occasião de a fazer retirar, antes que ella pudesse causar o mal que havia feito.

Debalde Annabelle pediu-lhe que a eximisse de qualquer culpa. O dr. Belmore era teimoso, e despediu-a sem lhe conceder as referencias que ella lhe pediu.

Mais uma vez desempregada, Annabelle voltou a sentir toda a adversidade da sorte. A despeito dos seus melhores esforços, nada encontrava em que se pudesse occupar, e o pouco dinheiro que tinha, minguava a olhos vistos. Por fim, viu-se impossibilitada de pagar a renda do seu pequeno quarto, e obrigada a esgueirar-se furtivamente pelas escadas, quando entrava ou sahia, de medo que a dona da casa a visse e lhe fizesse qualquer exigencia definitiva, com relação ao aluguel. Annabelle chegou por fim ao supra-summo da sua desgraça certa noite, em que depois de subir dissimuladamente a escada, ao fim de um dia inteiro de buscas e diligencias infructiferas, a dona da casa abriu a porta do seu aposento e lhe fez signal para descer de novo. Com os pés a arrastarem-se como se fossem de chumbo, Annabelle cumpriu a ordem, e de cabeça baixa ouviu a senhoria scientificar-lhe, aos berros e em palavras as mais grosseiras o prazo maximo de vinte e quatro horas, para satisfação da sua divida, sob pena de ser posta pela porta fóra e apprehendidos os seus insignificantes haveres, como garantia do pagamento.

Depois que ella acabou, Annabelle subiu ao seu quarto no mais alto andar da casa, e sentada na cama, com a cabeça entre as mãos, torturou o cerebro á procura de algum expediente que a tirasse de dificuldades. Pensou em todos quantos conhecia e estavam em condições de valer-lhe, mas poz de parte a maioria delles no mesmo momento de lhe acudirem os seus nomes á lembrança, pois preferia morrer a pedir-lhes fosse o que fosse. Por fim, occorreu-lhe o juiz Latton, que conhecera seu pae e tinha sido advogado do sr. Elliot, seu fallecido patrão, e resolveu ir procural-o e solicitar o seu auxilio.

O juiz Latton estava em seu gabinete, e disse-se satisfeito por ella o haver procurado no momento angustioso que estava atravessando. Garantiu-lhe que facilmente lhe encontraria collocação, e insistiu em fazer-lhe emprestimo da somma necessaria para que ella pudesse atravessar aquelle momento de difficuldades. Depois, mostrou-lhe num dos jornaes locaes, um annuncio redigido nestes termos:

"*Precisa-se de uma esposa temporaria. — Garante-se separação immediata, logo após o casamento.*"

Depois que Annabelle leu o annuncio, o juiz Latton disse-lhe suspeitar de que o autor daquella publicação era Arthur Elliot, que desejava casar com qualquer mulher, para herdar a fortuna de seu pae, divorciar-se depois, e casar com Verna Devore. Pediu-lhe então que respondesse ao annuncio, garantindo-lhe que dahi nenhum mal lhe viria. E Annabelle annuiu pela muita gratidão que lhe devia. Lembrou-se depois do enveloppe que o sr. Elliot lhe dera e reflectiu que já haviam passado os sessenta dias designados por elle. Abrindo esse enveloppe em presença do juiz Latton, verificou que elle continha o testamento, redigido pelo proprio juiz, e em que ella, Annabelle Rose, era nomeada unica herdeira de Howard Elliot.

Depois de dissipada um pouco a sua surpresa, apoderou-se della uma grande compaixão por Arthur Elliot, e immediatamente resolveu desposal-o, fazel-o entrar na posse da fortuna paterna e divorciar-se depois para que elle se pudesse casar com Verna Devore. Esta resolução, ella a communicou ao juiz Latton, que sorriu enigmaticamente e nada respondeu. Colhendo depois a situação nas suas mãos, o juiz Latton telephonou a Authur Elliot, disse-lhe saber que elle tinha annunciado que precisava de uma esposa temporaria, e propoz-se a fornecer-lhe na pessoa de Annabelle Rose. O joven Elliot acceitou a offerta do juiz e marcou-se para dali a dois dias a realisação do casamento.

Assim, na tarde combinada, o proprio juiz Latton acompanhou Annabelle á casa de Elliot, e a apresentou a Arthur como sua futura esposa. Secretamente encantado por que houvesse de ser sua esposa temporaria uma pessoa tão attrahente e linda como Annabelle, Arthur fez logo questão de a apresentar aos seus amigos, e dando-lhe o braço a levou a visitar toda a vasta residencia. No salão de honra Arthur apresentou Annabelle a seu amigo Leonard Devore, que pareceu achar um certo sabor comico na apresentação. Resolvido a pro-

teger Annabelle contra qualquer mal possivel, o juiz Latton insistiu em ser hospede da casa e assistir ao casamento, que elle sabia não passar de uma comedia. O juiz não se retirou da residencia dos Elliot durante toda a noite, e na manhã seguinte levou á bibliotheca Arthur, a quem censurou acremente por todas as suas leviandades, acabando por denunciar o casamento simulado que elle acabara de effectuar, e ameaçando-o de o mandar para a prisão por esse simulacro de casamento que violava as leis do Estado, caso elle não se sujeitasse immediatamente a um casamento "in bona fide", com Annabelle.

Arthur, que tinha grande respeito pelo juiz, promptamente annuiu ao que elle exigia, e obtido um ministro devidamente autorisado, foi desde logo celebrado o casamento de Arthur com Annabelle. Terminada a ceremonia, chegou Verna Devore, e informada do que se passára, insultou Arthur e Annabelle, em taes termos que Arthur inteiramente ennojado, mandou que ella e seu irmão Leonard immediatamente fossem expulsos de sua residencia.

Nessa occasião Leonard Devore commetteu a imprudencia de fazer certas reflexões desairosas para Annabelle, mas por tal o castigou Arthur, que com um bom murro o prostrou no chão, e logo suspendendo-o á força o despejou pela porta fóra.

O juiz referiu então a Arthur o sacrificio que Annabelle se prestara a fazer por elle, uma vez que era a unica herdeira da fortuna de seu pae. E o mancebo comprehendendo então, que Annabelle o amava, reflectindo que elle proprio lhe votava um affecto respeitoso, muito assimilavel ao verdadeiro amor, com um sorriso de alegria, colheu nos seus braços aquella que se prestára a ser sua esposa temporaria, mas que agora — louvado Deus! — era sua esposa definitiva

A PALHACINHA

(FIM)

vergonha, que estava bebado. E Pat achava tão absurda a declaração, que ainda mais havia rido. Como podia ella estar embriagada? Papae Tótó tinha-se porém zangado, e só queria brigar, de verdade, com alguem. Depois, foi no seu rosto afogueado, a frescura da noite, no alto, a ronda das estrellas, o rumor confuso do movimento de um trem, a treva e o somno, finalmente.

N'essa manhã, com os velhos rumores do circo nos ouvidos, os rumores que elle tão bem conhecia, com o cheiro da serragem humida e dos elephantes nas narinas, debalde tentava Pat recordar-se de como tudo principiára. Mas, em meio da nevoa densa que lhe toldava o cerebro, uma coisa avultava, nitida: é que Dick não a tinha defendido! E' que Dick não a amava mais! E todo o mundo era como uma grande dôr que a envolvesse! E para ali ficou, sobre o catre, na barraca do vestuario, procurando reconstituir a sua vida desfeita, fingindo dormir cada vez que alguem entrava, de medo que lhe fossem perguntar...

Ali ficaria agora naquella barraca amiga e segura, e seria boa sempre para Tótó, e tomaria conta dos animaes, fingindo não se importar que Dick não mais lhe quizesse bem, rindo, cantando, entregando-se mais e mais ás suas artes antigas.

Veiu-lhe de longe o fustigante alarido da banda de musica. E levantou-se no catre, e tremeu áquelles sons. A funcção estava começando. Estava começando, e ella por vestir ainda! A passo incerto, semi-consciente apenas do que estava fazendo, caminhou para as malas, encontrou o que fôra seu, e dentro dellas encontrou a sua roupa antiga, que vestiu com as mãos tremulas.

A multidão que enchia o circo depressa se apercebeu do palhacinho que estava na arena e das coisas engraçadas que elle fazia. E dahi a pouco, sem prestarem attenção ao artista que trabalhava no redondel, todos observavam Pat, e gritavam, berravam, aos pinchos, rindo-se até chorar. Pat, agora, improvisava a cada momento "trucs" novos, e melhorava os antigos. Tinha o coração pesado, mas os pés extremamente leves. Os proprios artistas acabaram por suspender os seus actos, para a observarem com uma especie de pasmo. Tótó, n'uma das coxias, escancarava os olhos, como se não pudesse acreditar no que via:

— Extraordinaria! — dizia. — Extraordinaria porque ralada de desgostos!

Uma mão aferrou-lhe o braço e o rosto juvenil de Dick interpoz-se entre a sua vista e a pequenina figura branca e vermelha:

— Onde está ella, Pat? Diga depressa!

A voz do rapaz era rouca, os olhos espavoridos.

—Não nos pudemos entender a noite passada... mas Roddy tudo explicou, confessou tudo.

— Confessou? — repetiu Tótó, desfigurado.

— Sim. Confessou que tinha posto "gin" na limonada, quasi meia garrafa! — dise Dick já aos berros. — Explicou que queria vêr Tótó fazer graças, e como tinha visto Papae fazer graças cada vez que bebia "cocktails" con "gin", o traquinas...

As ultimas palavras sumiram-se-lhe na garganta.

— Supplico-lhe! Estou como louco! Viajei toda a noite! Acha... acha que ella me perdoará?

Por sua vez, Tótó aferrou com força o braço de Dick:

— E os seus paes: vão ser bons para a pequena? E o senhor: não vae desprezal-a outra vez? Olhe que a pobrezinha voltou de lá com o coração em sangue!

O rapaz só respondeu após um grande esforço.

— Eu não podia calcular... Effectivamente, creio que a deixei demasiadamente a sós... Mas não era que eu não lhe quizesse bem! Creio que mamãe é que arranjava que eu fose convidado para tantos logares, e que a não convidassem, a ella! Mas agora, juro-lhe, estamos todos bem arrependidos!

A multidão viu de repente aquella figura, sem chapéo, pular á arena e colher a Palhacinha nos seus braços, o que parecia fazer parte da pantomima, e motivou grandes applausos. Quando então a Palhacinha, sem pensar no local e na hora, entregou os labios ao beijo do mancebo e lhe deixou nas faces a marca de uma immensa bocca vermelha, todos se deslocaram nas cadeiras n'um riso hysterico que promettia não ter fim. Dick percebeu afinal a hilaridade geral, e atirando Pat ao hombro, pulou, a correr, para o dorso de "Venus" e lá foram, a galope, para fóra da barraca, caminho de um mundo só por elles habitado.

Papae Tótó fez depois o seu numero. E nenhum dos que o viram aos pinchos e saltos, aos esgares e caretas, pela arena, imaginou por certo que nessa hora elle estava pensando n'uma casinha garrida, cujos portaes enleavam eglantinas, e onde seis caturrinhas de faces rubicundas se fartavam de tortas e geléas de fructas, servidas por mãos de neve...

ONDAS DE AMOR

(FIM)

dois se casaram e depois de uns annos de ventura, esta ainda mais se estabilisou, depois de Fern presentear o seu idolatrado esposo com um lindo herdeiro.

Neste interim, o barão de Hontel havia cumprido a sentença a que fora condemnado e procurava por toda a parte o rastro de sua victima, até que afinal conseguiu descobril-a e a obrigou a lhe dar um "rendez-vous".

O seu canalhismo no emtanto não parou ahi, pois, ao mesmo tempo em que elle forçava Fern a este "rendez-vous", escrevia uma carta anonyma ao seu esposo, communicando este encontro, afim de poder assim afastal-o de uma vez para sempre de sua victima e forçal-a a voltar á sua companhia, para que ella tornasse a lhe servir de chamariz nas suas torpes aventuras de jogo.

O maldito plano desenhado por Holten deu o resultado esperado, pois Valori appareceu justamente no momento em que Fern cahia desfallecida nos braços de Holten e em seu irreprimivel ciume a odiou desde logo, sem lhe ouvir qualquer explicação. Ahi o orgulho de mulher nasceu pela primeira vez em Fern, pois abandonou tudo que lhe era caro.

Passaram-se os tempos até que certo dia, já completamente desprovida de meios, é ella levada por uma velha artista á presença de um director de theatro de variedades que, pelos dotes que a velha apregoava da encantadora rapariga, acabou por lhe dar um contrato na sua companhia.

Acabrunhada como sempre, desde que deixára a casa do esposo, Fern vivia com o pensamento sempre nelle e no filhinho que abandonára, e não havia successo por mais esplendoroso que fosse, que a alegrasse.

Certa noite, depois de um forte pesadello em que vira morrer o seu filho, não supportou mais a separação e partiu para o castello do conde Valori, afim de apertar contra seu peito o que para ella representava tudo que havia no mundo.

Foi tarde de mais a sua viagem; pois quando se approximava do castello, o grande portão se abria e delle sahia o cortejo funebre que levava para a necropole do castello o pequeno cadaver de seu idolatrado filho.

Ella voltou tristonha para seu aposento e depois de passados longos annos e terse aperfeiçoado sempre mais na sua arte, foi contratada para uma grande Empresa de Variedades, e com sinceras lagrimas se separou de suas camaradas de desdita, com quem, afinal, passara alegres horas.

Do barão de Holten ella deixara de ouvir falar durante muito tempo e já pensava que elle nunca mais lhe atravessaria a estrada, quando repentinamente, seduzido pelo grande successo que com sua arte despertava em todos os circulos, novamente appareceu, mas foi infeliz, pois ella desta vez o enxotou, a chicotadas, da sua presença.

Mesmo assim Holten não perdeu as esperanças de recuperal-a para instrumento de seus crimes, e para alcançal-a não trepidou por em execução um criminoso plano para fazel-a volver á sua companhia.

Num dia de grandes corridas romanas, approximou-se do carro que Fern devia guiar e deslocou um varal.

Ella subiu victoriosa para o carro e quando fazia a ultima curva o varal partiu-se e o carro foi de encontro á muralha, atirando por terra, ensanguentada, a encantadora artista. Um grito de horror écoou por todas as tribunas apinhadas e a multidão se atirou para o logar do desastre, para soccorrer a ferida.

Num sanatorio foi ella internada, afim de convalescer e ahi as fortes febres a fizeram delirar por mais de uma vez, vendo sempre a sombra de Holten a perseguil-a.

Passado, no emtanto, o accesso febril, acordou reconfortada, pois estava na sua presença o seu querido esposo, que lhe dava outra vez esperança de um futuro risonho.

Valori, que soubera do desastre pela leitura dos jornaes e que não havia esquecido um só minuto a sua querida esposa, logo que soube onde se encontrava ella em tratamento, para lá se dirigiu, afim de apertar nos seus braços aquella que elle sabia ser toda sua vida e felicidade.

O HOMEM QUE TINHA TUDO QUANTO QUERIA

(FIM)

declarou a sua intenção de procurar sosinho o seu rumo na vida, e ganhar, elle proprio, os seus meios de subsistencia. O Sr. Bullway ficou radiante de satisfação e animou-lhe por todos os modos o intento. Com o correr do tempo, Henry veiu a reconhecer que é do trabalho que se gera a felicidade, e á medida que se fez serio e ponderado, veiu a ter admiração pelo esplendido caracter e pelo modelo de virtude que era Prue Wynn. Começou a visital-a com constancia e certa noite em que lhe pediu o acceitasse por esposo, a menina lançou-lhe os braços ao pescoço e disse-lhe:

— Não posso deixar de te acceitar Henry, por que te amo desde que te conheço!

Foi nessa noite que pela primeira vez elle a colheu nos braços, e beijando-a, pediu a Deus que, por todo o resto da vida, o fizesse digno della.

A TERRA EM FOGO

(FIM)

da gelada campina, onde um roceiro, passando com o seu carro, a encontra morta e a leva para a aldeia.

✣

João, obsecado pela fortuna que lhe sorria, não confiava em absoluto na sua esposa e se resolve então a procurar pessoalmente o seu irmão. Este o recebe e ao exigir delle o documento de venda das "Terras do Diabo" elle lhe responde: "Então a tua mulher não póde fazer o que entende com o que é de sua propriedade?" Ahi João olha para seu irmão e lhe responde: "Ella porém não sabia o que vendia", ao que elle então diz: "Donde é que você sabe que nas "Terras do Diabo" ha jazidas de petroleo, "Foi quando elle denunciou mais uma vez a sua terrivel ambição, e Pedro, cheio daquella bondade de coração de camponez, tira do bolso os pequenos retalhos de papel que havia apanhado logo depois da sahida de Helga e entrega-os a João, com estas palavras: "Aqui tens a tua "Terra do Diabo", vae-te embora e nunca mais me appareças".

Mal elle havia pronunciado estas palavras, os demais camponios entram na casa do aldeão, conduzindo o cadaver de Helga, que havia sido transportado para a aldeia. João ao deparar com o cadaver de sua esposa, a primeira victima da sua terrivel ambição, ajoelha-se, e Pedro, que sente em seu grande coração o horror que se passa com seu irmão e não querendo que os demais camponios assistissem áquella scena, lhe diz: "Vamonos daqui — o que aquelle homem peccou com a sua insensata ambição tem que expiar sózinho com Deus e na presença de sua victima".

Mesmo assim de nada valeu o succedido, pois João não deixou de proseguir na sua ambiciosa empreza.

✣

Gerda, que se havia casado com Luiz de Lelevel, apezar de não lhe ter amor, ao saber da morte de sua madrasta abandona o seu lar e vae á procura de João. A elle ella pede que lhe confesse nunca ter amado Helga, que só casara por ambição da fortuna, que só a tivera por esposa para satisfazer os seus desejos insaciaveis, etc. A tudo isto João fica impassivel. A verdade no emtanto transpõe o mais forte tecido, e ella então vem a saber da propria bocca de João que elle nunca amara Helga nem a ella Gerda — que tudo não passara de um mytho e que elle fantasiára aquella sua situação amorosa, tanto para uma como para outra, unicamente para satisfzer a sua incommensuravel ambição.

Gerda então resolve vingar não a si unicamente, mas tambem sua madrasta e seu fallecido pae, a quem ella nunca tratara com a devida consideração, e então sae em procura das "Terras do Diabo", onde as grandes obras de perfuração haviam sido iniciadas e ahi põe em chammas aquelle thesouro albergado nas terras petroliferas.

As chammas que ali se veem são observadas da pequena aldeia e da casa de Pedro, onde a refeição começara a ser servida e quando ainda se rezava o Padre Nosso ouvem-se os estalidos das chammas devoradoras. Maria, a primeira noiva de João, que nunca o esquecera e que confiava em Deus na sua volta, é a primeira que vê o pavoroso incendio. Ella communica a Pedro e este tambem, confiante em Deus, olha para aquella desgraça que no emtanto é a felicidade para duas almas amantes.

João, que recebe a communicação por seu criado, olha para as chammas devoradoras e é vencido pelo destino. Apezar de chegar soccorro de toda parte e disto ter elle conhecimento, de nada mais quer saber, pois reconheceu que o desastre da sua vida era unicamente a sua enorme ambição, e elle volta para casa de seu irmão Pedro, onde lhe pede perdão, bem como a sua antiga noiva, que nunca o esquecera, e a todos os seus demais amigos de infancia que ali estavam reunidos. Todos sem excepção o perdoam e reconhecem o seu arrependimento e, ao leval-o, Pedro juntamente com Maria para o seu commodo, elle se admira estar este completamente prompto para sua recepção. Maria então lhe affirma: João, nós não esperavamos você hoje, mas todos os dias, desde que deixou a nossa humilde cabana pela riqueza do palacio em que nós não cabemos com a nossa modestia.

Assim se inicia uma nova existencia para João e a sua grande ambição, que desde sua infancia lhe fervia nas veias, é acalentada pela graça de Deus de ter custado a vida de dois que já haviam peccado e que pela infidelidade e insenceridade entregaram as almas ao creador.

VINGANÇA

(FIM)

deiro de Edenborg. Quando Henry voltou a casa encontrou seu sobrinho em palestra confidencial com sua filha e logo que os dois se viram, Percy pediu-lhe as desculpas e o convidou a ir morar juntamente com os seus dois filhos no seu castelo em Edenborg. Ferido pela bondade de seu sobrinho, contra o qual elle queria empregar todos os meios para ser um dia dono da grande fortuna, elle immediatamente volta a tomar o automovel, afim de procurar o usurario e delle receber os documentos que poucas horas antes assignára.

A má sorte no emtanto já havia agido e o usurario já procurára um marinheiro ao qual incumbira de matar, contra uma quantia, o joven Percy. O marinheiro acceita a empreitada e como um desoccupado consegue penetrar no castello e ahi obter um emprego. Depois de se familiarisar com os costumes de Percy, elle verifica que este diariamente pela manhã vae ter á estufa do jardim, em busca de flôres para offerecel-as á encantadora Imogen, que já vencera seu grande e magnanimo coração. O marinheiro, que conseguira se esconder na casa de machinas da grande estufa, ao conversar com o seu chefe de machinas obtem informações sobre os diversos machinismos e este ainda lhe conta que, se uma certa valvula fosse aberta, toda a estufa seria dentro de poucos minutos um montão de escombros. O marinheiro, para por em execução o seu terrivel plano, na manhã seguinte penetra dentro da casa de machinas e ahi subjuga o chefe e dá volta á valvula que deve fazer ruir a grande estufa. Ao querer o maritimo deixar a casa de machinas, não o poude fazer, pois a porta de sahida estava fechada e elle fôra victima do tenebroso plano de eliminação de Percy, de que fôra encarregado pelo usurario. Percy e sua prima salvam-se assim por encanto, pois elles não haviam penetrado ainda na estufa e não foram por isto victimas dos escombros.

O usurario, assim que soube do mallogro do seu primeiro attentado contra Percy, não descansou e tratou immediatamente de arranjar um segundo cumplice para a execução do seu crime tenebroso. Quando confabulava com o mesmo e lhe entregava o segundo documento apparece o criminoso vulgarmente conhecido por "Az de espadas", e tambem quer fazer parte da quadrilha. Depois de uma longa luta o usurario é subjugado por "Az de espadas", e este se apodera do terceiro documento.

Com este documento elle procura Hull e este promette entregar-lhe no dia immediato as 1.000 libras; mas, quando Hull chega, já elle partiu para executar o crime e em vez de fazel-o na pesoa de Percy o faz na do filho de Hull, que já se julgava dono do castello, por uma cartas que foram encontradas em um pequeno cofre que fôra soterrado nos escombros da estufa, e nas quaes constava que elle não era filho do Lord Sylvester, mas sim de um outro, que em tempos tinha conquistado o amor de sua fallecida mãe.

Como um louco, Hull volta para o castello e ao encontrar o seu sobrinho de braço dado com a sua filha uma providencia o salvou. Neste mesmo momento "Az de espadas se faz annunciar e lhe pergunta: "Que quer que se faça agora com o cadaver do herdeiro do Castello?". Como que completamente perturbado dos

sentidos, Hull o encara. "Mas elle está vivo e está aqui em casa", é a sua resposta. "Az de espadas", no emtanto, não arreda pé e responde: "Não é possivel, pois o senhor do castello de Edenborg foi por mim morto, quando atravessava num ginete a floresta". Mal acabára de confessar o seu crime já a criadagem do castello, que soubera do acontecido, trazia para o "hall" do edificio o cadaver de Archi. Quando Hull olha para o sorpo immovel de seu idolatrado filho e pelo qual elle concebera, mesmo que depois se arrependesse, todo aquelle tenebroso plano, enlouquece, emquanto seu sobrinho Percy recebe nos seus braços sua encantadora prima, que elle faz sua esposa.

Ha maneiras as mais variadas de patriotismo; entre ellas uma se nos afigura muito digna: adquirir os numeros especiaes da *Illustração Brasileira*, commemorativa do Centenario da Independencia, a sahirem em Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, com 264 paginas de notavel texto, finas gravuras e perfeitas trichromias, de caracter eminentemente nacional.

O Utero doente faz da mulher um cadaver vivo

Salve-se com a

"FLUXO-SEDATINA"

E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" actua rapidamente nos orgãos genitaes das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorrhagia, antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar á luz, facilita o parto, diminue as dôres e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorrhagias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flôres Brancas, Inflammações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, usae a "Fluxo-sedatina" e dae ás vossas filhas e recommendae ás vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saude da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recommenda-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradavel.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarios Geraes: GALVÃO & C.

Avenida S. João 145 -- São Paulo

Bom Dia!

Podem assentar-lhe bem os seus alimentos? Pode V. S. comer sem receio de uma indigestão?

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

têm tornado saudaveis os estomagos durante vinte e cinco annos. Se V. S. quer conhecer a alegria dum perfeito apparelho digestivo tome as Pastilhas do Dr. Richards.

Se a Exposição Nacional vae marcar uma grande etapa da vida do trabalho da Nação brasileira, na agricultura, no commercio e na industria, os numeros especiaes da *Illustração Brasileira*, de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, commemorativos do Centenario, darão uma idéa exacta da nossa potencia intellectual e artistica.

Já compro[illegible] bilhete d[illegible] Cruz Vermelha Brasileira? E' a maior da America e a melhor do mundo.

Quarta-feira foi posto á venda o primeiro fasciculo do empolgante e sensacional romance de aventuras

OS PARTIDARIOS

do notavel romancista inglez Mayne-Reid, que conta mais de 200 edições.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores.

Se quizer auxiliar uma instituição humanitaria e concorrer ao maior sorteio de que ha noticia na America, compre um bilhete da GRANDE LOTERIA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA.

A maior descoberta para a SYPHILIS

O "ELIXIR 914"

Combate a syphilis efficazmente, sem o perigo das injecções. E' depurativo energico e tonico de alto valor. No terceiro vidro as manifestações, mesmo as mais graves, taes como: manchas, fistulas, placas, eczemas e rheumatismo, desapparecem como por um milagre. 95 por cento dos homens casados que, em solteiros, tiveram doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão por que milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. 3 vidros são sufficientes para restituir a saude e salvar vossos filhos. Para as creanças syphiliticas é o unico especifico proprio que existe, porque não ataca o estomago e é tonico agradavel de tomar.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarios Geraes : GALVÃO & C.

AVENIDA S. JOÃO 145

S. PAULO.

Pó de Arroz

GLOSSY

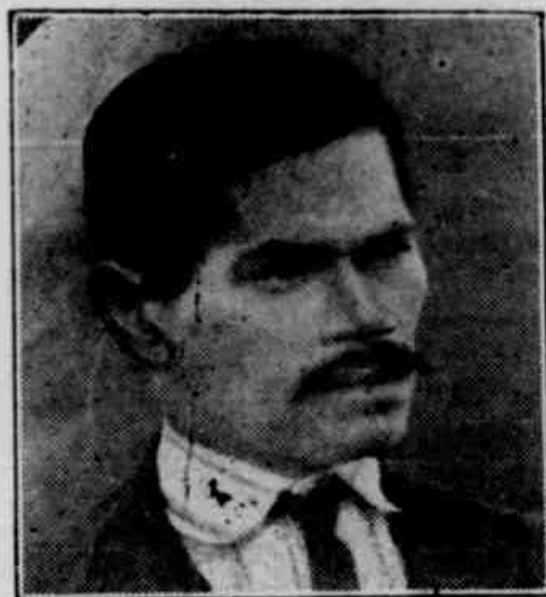
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa grande : 2$500 — Pelo Correio : 3$200
Caixa pequena : 1$000 — Pelo Correio : 1$500

Caixa Postal* : 163 — *RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou sello a

CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.

1° DE MARÇO, 13 — 1° andar — RIO

Sr. Antonio Felicio

Camocim (Ceará), 14 de Outubro de 1917.

Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho — Rio de Janeiro.

Soffria horrivelmente de incommodos causados por impureza do sangue e, aconselhado por pessoas minhas amigas, fiz uso de vosso milagroso remedio ELIXIR DE NOGUEIRA, do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, ficando, com poucos vidros, completamente curado. Como tributo de gratidão remetto-lhes a minha photographia, inclusa a este attestado, podendo dispor como lhes convier.

Por *Antonio Felicio,*
Eurico Bardier.

Vende-se em todas as **Drogarias, Pharmacias,** casas de campanha e sertões do **Brasil. Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Peru', Chile, etc.**

RENY
A unica
infallivel
TIRA SARDAS, PANNOS,
MANCHAS
E CURA ESPINHAS.
PARA SARDAS ESPINHAS
RUGAS. PANNOS. MANCHAS
E TRATAMENTO DA PELLE.
Pomada Reny
NÃO TEM RIVAL
MAGALHÃES & LOBO
RIO DE JANEIRO
Pote 4$000
Pelo
Correio 5$000
PO' DE ARROZ RENY — Adherente e perfumado. Caixa 2$500 — Pelo correio 3$500.
LOÇAO RENY — Elimina a caspa e evita a quéda dos cabellos. Vidro 5$500 — Pelo correio 8$000.
DEPIL
Unico liquido que tira o cabello em 5 minutos. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000 — Pelo correio 6$500 e 12$000.
AGUA BALSAMICA RENY — Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000 — Pelo correio 8$000 e 12$000.
Magalhães & Lobo
Rua Marechal Floriano Peixoto n. 17, Sobrado